

Mariana Effting de Sousa Schmitz

**A RELAÇÃO ENTRE ENVOLVIMENTO PATERNO E
TEMPERAMENTO DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES EM
FAMÍLIAS BIPARENTAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Catarina para à obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: Professor Dr. Mauro Luís Vieira.

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schmitz, Mariana Effting de Sousa
A relação entre envolvimento paterno e
temperamento de crianças pré-escolares em famílias
biparentais / Mariana Effting de Sousa Schmitz ;
orientador, Mauro Luís Vieira, 2018.
121 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

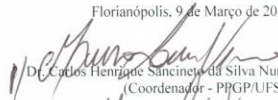
1. Psicologia. 2. Envolvimento Paterno. 3.
Temperamento Infantil. 4. Pré-Escolares. 5. Famílias
Biparentais . I. Vieira, Mauro Luis. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

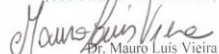
Mariana Effting de Sousa Schmitz

A relação entre envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 9 de Março de 2018.


Dr. Carlos Henrique Sáncinelo da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)


Dra. Fernanda Machado Lopes
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Carina Nunes Bossardi
(PMSGT/UNIVALI - Examinadora)

Dra. Daniela Ribeiro Schneider
(PPGP - UFSC - Suplente)

Dra. Angela Donato Oliva
(PPGPS - UERJ - Suplente)

Dedico este trabalho à minha avó,
meus pais e meu marido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela proteção em todos os momentos da minha jornada, especialmente pela iluminação e esclarecimento durante os últimos dois anos.

Agradeço aos meus pais, Marli e Nilson, pela vida, amor, incentivo e ensinamentos. Ao meu irmão, Luís Vinícius, pela parceria, amizade, cumplicidade e carinho em todos os momentos.

Agradeço imensamente à minha amada avó Elci, minha inspiração de vida! Muito obrigada por todo carinho e orações.

Ao meu pai de coração e tio amado, Sérgio, pelo incentivo e apoio. Obrigada por me incentivar a estudar, me ensinar a perseverar e conquistar meus sonhos.

Agradeço ao meu marido, amigo e companheiro de jornada, Rafael. Por esses 11 anos de união, cumplicidade, incentivo, carinho, dedicação e paciência. Obrigada por estar ao meu lado em todas as dificuldades, confiar no meu potencial e me apoiar na realização deste sonho.

Ao meu primo amado Gabriel, pelo olhar carinhoso, abraços esmagadores, risadas contagiantes e diversão. Obrigada por me permitir conhecer o amor mais puro e verdadeiro.

À(s) minha(s) família(s), em especial as minhas tias Juliana, Sandra, Marilda, meu tio Otávio, minhas afilhadas Bárbara, Maria Luiza e, meu afilhado Gustavo. Obrigada pelo incentivo, orações, carinho e compreensão.

À minha prima, madrinha e irmã Karoliny, obrigada por me compreender, aconselhar, acalmar, dividir aniversários e acompanhar a minha jornada. À minha amiga querida Joselisa, obrigada pela amizade e parceria sincera, pelos infinitos “*abstract*” e pelos melhores cafés da tarde. À minha amiga de coração Flavia, minha parceira da graduação, obrigada por acreditar em mim, aconselhar e me acalantar em todos os momentos.

Às colegas e professoras da Especialização em Psicologia Perinatal, pelos sábados de reflexões, regados de afeto.

Às professoras Ingrid Botelho, Saidy Maciel e Maria Helena Moraes por terem despertado em mim o interesse e o amor em estudar temas relacionados a família e desenvolvimento infantil.

À colega Joyce, pela disponibilidade e acolhimento desde a graduação. À Simone, pelo acolhimento sereno e carinhoso.

À amiga e parceira de estudos Meiridiane, pelo incentivo, amizade e parceria. Às colegas Cigala e Loredana, pelo carinho, conversas e encontros.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, em especial ao meu orientador Professor Dr. Mauro Luís Vieira, pela disponibilidade, acolhimento e orientações.

Aos colegas de disciplinas e colegas de grupos (NEPeDI e LABSFAC) pelos aprendizados compartilhados. Em especial à Carolina, pelo auxílio nas análises estatísticas.

A aqueles que de alguma maneira contribuíram para a confecção desta dissertação, muito obrigada!

“Não é sobre chegar no topo do mundo e
saber que venceu,
É sobre escalar e sentir que o caminho te
fortaleceu,
É sobre ser abrigo e também ter morada em
outros corações,
E assim ter amigos contigo em todas as
situações”. (Ana Vilela, 2017).

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo analisar a relação entre o envolvimento paterno e o temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais. Participaram desta pesquisa 170 famílias biparentais, de crianças de quatro a seis anos, provenientes de cidades dos Estados do Sul do Brasil. Os instrumentos utilizados foram: Questionário sociodemográfico, Questionário de engajamento paterno, Questionário sobre abertura ao mundo e Questionário de comportamento da criança. Por meio das análises estatísticas constatou-se que o envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as) tem repercussões em domínios específicos do desenvolvimento, especialmente em comportamentos que se relacionam aos fatores do temperamento infantil. Verificou-se que o pai parece estar mais envolvido nos cuidados e no suporte emocional dos(as) filhos(as) e, o grau desse envolvimento varia conforme as dimensões específicas e com as variáveis contextuais. Os resultados sugerem que as crianças apresentaram altos índices no fator do temperamento controle com esforço e, apontam que conforme o sexo da criança comportamentos relacionados a determinados fatores são evidenciados com maior frequência. Além disso, o envolvimento do pai em interação com o(a) filho(a) possibilita avanços desenvolvimentais significativos, como menores índices de hiperatividade, maior repertório de habilidades sociais e linguagem. Conclui-se que o pai se mostra mais comprometido em proporcionar suporte emocional ao(a) filho(a), aumentando as chances das crianças socializarem com os pares, adquirirem habilidades de regular sua emoção e, conseqüentemente terem um melhor desempenho na fase escolar.

Palavras-Chave: Envolvimento Paterno. Temperamento Infantil. Pré-escolares. Famílias biparentais.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation was to analyze the relationship between paternal involvement and the temperament of preschool children in biparental families. A total of 170 biparental families, from four to six years old, from cities in the southern Brazilian states participated in this study. The instruments used were: Sociodemographic questionnaire, Questionnaire of paternal engagement, Questionnaire on openness to the world and Questionnaire on child's behavior. Statistical analysis revealed that the father's involvement in the children's lives has repercussions in specific domains of development, especially in behaviors that relate to the factors of the child's temperament. It has been found that the father appears to be more involved in the care and emotional support of the children, and the degree of involvement varies according to the specific dimensions and contextual variables. The results suggest that the children presented high indexes in the factor of the temperament control with effort and they indicate that according to the sex of the child the behaviors related to certain factors are evidenced with more frequency. In addition, parent involvement in interaction with the child enables significant developmental advances, such as lower rates of hyperactivity, greater repertoire of social skills and language. It is concluded that the father is more committed to provide emotional support to the child, increasing the chances of the children socializing with the peers, acquire skills to regulate their emotion and, consequently, to perform better in the school stage.

Key words: Parental Involvement. Child Temperament. Preschoolers. Biparental families.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1</i> - Fatores, dimensões e definições do temperamento, com base no <i>Children's Behavior Questionnaire</i> (Klein, 2009).....	36
--	----

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i> - Correspondência entre objetivos do estudo e instrumentos de coleta de dados.	49
<i>Quadro 2</i> - Etapas e procedimentos de coleta de dados.	51
<i>Quadro 3</i> - Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa.	52

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1</i> – Caracterização das variáveis sociodemográficas das famílias participantes.	54
<i>Tabela 2</i> - Caracterização do envolvimento paterno e do temperamento da criança.	55
<i>Tabela 3</i> - Média (desvio padrão) do envolvimento paterno e temperamento infantil com relação ao sexo das crianças.	57
<i>Tabela 4</i> - Correlações entre envolvimento paterno, temperamento infantil e variáveis sociodemográficas.	59
<i>Tabela 5</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para o Índice Geral de Envolvimento Paterno.	63
<i>Tabela 6</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Extroversão.	63
<i>Tabela 7</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Afeto Negativo.	64
<i>Tabela 8</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Controle com Esforço.	65
<i>Tabela 9</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Extroversão e Dimensões do Envolvimento Paterno.	66
<i>Tabela 10</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Afeto Negativo e Dimensões do Envolvimento Paterno.	67
<i>Tabela 11</i> - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Controle com Esforço e Dimensões do Envolvimento Paterno.	68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBQ - Questionário de Comportamento das Crianças (*Children's Behavior Questionnaire*);
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa;
CEPSH/UFSC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina;
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente;
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
IBQ – *Infant Behavior Questionnaire*;
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada;
LABSFAC – Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade;
Modelo EAS – Modelo Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade;
NEPeDI - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil;
NYLS - *New York Longitudinal Study*;
PPCT - Processo, Pessoa, Contexto e Tempo;
QEP – Questionário de Engajamento Paterno;
QOM – Questionário de Abertura ao Mundo;
SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*;
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
SAPSI/UFSC - Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina;
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina;
VD – Variável Dependente;
VI – Variável Independente.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
2.	OBJETIVOS.....	21
2.1.	Objetivo Geral	21
2.2.	Objetivos Específicos	21
3.	MARCO TEÓRICO	22
3.1.	Perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano ...	22
3.2.	O envolvimento paterno e o impacto no desenvolvimento infantil	26
3.3.	Principais abordagens teórico-conceituais sobre temperamento	31
3.4.	Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil: Revisão Sistemática da Literatura	37
4.	HIPÓTESES	43
5.	MÉTODO.....	45
5.1.	Caracterização da Pesquisa	45
5.2.	Participantes e Contexto	45
5.3.	Instrumentos de Coleta de Dados	46
5.4.	Procedimentos de Coleta de Dados	50
5.5.	Procedimentos para Organização, Tratamento e Análise de Dados.....	51
5.6.	Procedimentos Éticos	53
6.	RESULTADOS.....	54
6.1	Caracterização das variáveis sociodemográficas das famílias participantes.....	54
6.2.	Caracterização do envolvimento paterno e do temperamento infantil.....	55

6.2.1	Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil em relação ao sexo das crianças	57
6.3.	Relação entre o envolvimento paterno, o temperamento das crianças e as variáveis sociodemográficas das famílias participantes	58
6.3.1.	Modelos preditivos do envolvimento paterno e do temperamento infantil	62
7.	DISCUSSÃO	69
7.1	Variáveis sociodemográficas: Famílias, Crianças e Contexto	69
7.2	Envolvimento paterno: Pai e Criança em interação.....	71
7.3	Temperamento infantil: Criança como foco	74
7.4	Relação entre envolvimento paterno, temperamento infantil e variáveis sociodemográficas: Pai, Criança e Contexto	78
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	94
	APÊNDICES	114
	Apêndice A – Autorização Institucional	114
	Apêndice B – Carta Convite as Escolas.....	115
	Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	117
	ANEXOS	119
	Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP.....	119

1. INTRODUÇÃO

A família é considerada essencial no desenvolvimento humano, no processo de socialização de seus membros e nos cuidados básicos de sobrevivência que a criança necessita. A teoria sistêmica concebe família como um sistema complexo, constituído por subsistemas independentes que se influenciam mutuamente, conforme o contexto que está inserida (Carter & McGoldrick, 1995). Na contemporaneidade a família pode ser compreendida por laços consanguíneos, grau de parentesco, assim como os vínculos afetivos, a intimidade e a proximidade entre as pessoas (Dessen, 2010).

Diferentes configurações familiares são encontradas na contemporaneidade, tais como famílias recasadas, adotivas, monoparentais, produção independente, casais homoafetivos, dentre outras (Dessen, 2010). Neste estudo, foram investigadas as famílias biparentais, compostas pelos cônjuges (pai e mãe) e a criança (Bossardi, 2015). Assim, considera-se que o conceito de família foi ampliado a fim de agregar a diversidade de arranjos relacionais presentes nas famílias contemporâneas (Walsh, 2016).

O desenvolvimento humano, para a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, ocorre num ambiente de interações recíprocas e ativas entre o ser humano e seu contexto de vida (Bronfenbrenner, 1996). Cada membro da família está ligado ao seu desenvolvimento como um todo, o que caracteriza a inter-relação entre os membros (Backes, 2015; Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982). Assim, as modificações nos papéis, nas figuras parentais e no contexto de vida da família interferem consequentemente no desenvolvimento da criança.

Mudanças importantes nas relações familiares, nos papéis desempenhados por pais/mães na criação e na interação com os(as) filhos(as) são evidenciadas a partir da década de 70. Através das transformações socioculturais, intensificação do trabalho feminino e o advento dos contraceptivos (Beltrame & Bottoli, 2010; Dessen, 2010; Lamb, 1997; Vieira et al., 2014). O pai ganha maior espaço no cuidado e interação com os(as) filhos(as), já que as mulheres estão cada vez mais independentes, tornando-se chefes de suas famílias (Beltrame & Bottoli, 2010).

A temática do envolvimento paterno ganhou visibilidade a partir das pesquisas realizadas por Michael Lamb, em 1970, em decorrência

das modificações socioculturais ocorridas na época. Lamb (1997) pontua que os pais¹ desempenham muitos papéis, tais como provedor financeiro e cuidador, porém a importância dispensada a cada um deles depende de um contexto para outro. Aponta, ainda, que um maior envolvimento do pai afeta positivamente o desenvolvimento do(a) filho(a) (Lamb, 1997).

No presente estudo, adota-se o conceito de envolvimento paterno proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985). Os autores pontuam que esse envolvimento é compreendido através do intercâmbio de três dimensões: interação, acessibilidade e reponsabilidade. Logo, o pai não necessita realizar todas as tarefas em igualdade à mãe, porém, é esperado que brinque, cuide, instrua e demonstre afeto pelo(a) filho(a) (Lamb et al., 1985; Lamb, 1997).

O pai oferece um cuidado diferente do cuidado materno. A ligação entre mãe e criança é baseada no conforto, proteção e segurança e, os mecanismos envolvidos na ligação entre o pai e a criança são outros (Bolze, 2011; Paquette, 2004a; Paquette & Dumont, 2013). Os pais tendem a contribuir para a socialização da criança e a função de abertura ao mundo, ou seja, estão geralmente mais envolvidos em atividades que envolvem jogos, tais como: brincadeiras de “lutinhas” e ao ar livre (Lamb, 1997). A Teoria de Ativação, proposta por Paquette (2004b), compreende que o pai atua de modo a estimular as crianças a explorar o ambiente, estimulando a autonomia e estabelecendo limites ao mesmo tempo (Paquette & Dumont, 2013).

A paternidade passa por um período de redefinição, o papel de pai tradicional - provedor do sustento econômico e suporte emocional materno, não sustenta as demandas contextuais, na qual o desejo de uma participação ativa no cuidado com os(as) filhos(as) é constante (Bossardi, 2011; Desen, 2010; Vieira et al., 2014). É compreendida como um novo encargo social, ao tornar-se pai o homem assume o papel de provedor moral da família, além do papel de provedor econômico (Vieira et al., 2014).

A participação do pai, a divisão de tarefas nos cuidados com os(as) filhos(as) e com relação a organização doméstica, começa a fazer parte de uma nova configuração familiar. Neste momento o papel

¹ O termo “pais” será utilizado como plural do termo “pai”.

paterno passa a ser interesse de pesquisas, relacionando-o com o desenvolvimento físico e psicológico da criança (Backes, 2015; Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Bueno, 2014; Paquette, 2004a; Paquette & Dumont, 2013; Vieira et al., 2014). Ainda, cabe destacar que o envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as) é relacionado à dinâmica e à cultura na qual a família está inserida (Beltrame & Bottoli, 2010).

Na revisão sistemática realizada por Vieira et al., (2014), que investigou sobre a paternidade no Brasil entre os anos de 2000 a 2012, constatou-se que os estudos têm destacado as distintas repercussões do envolvimento do pai no desenvolvimento da criança, em diferentes etapas da sua vida. Pontuam que pai pode exercer influência a partir da gestação, parto e pós-parto, no decorrer do desenvolvimento infantil e até mesmo na escolha profissional do(a) filho(a) (Vieira et al., 2014).

Os pais têm estado mais participativos nas atividades com o(a) filho(a), bem como na transmissão de confiança e segurança, tornando-se mais próximos de sua família e do(a) filho(a) (Silva, Bueno & Ribeiro, 2014). Assim, a presença e participação contínua do pai é essencial para o desenvolvimento, bem-estar físico e psicológico, assim como na relação com o temperamento da criança, nas diferentes fases de seu desenvolvimento (Martins, Becker, Lopes & Piccinini, 2014; Paquette, 2004a; Pimenta, Veríssimo, Monteiro & Costa, 2010).

O temperamento desempenha um fator importante no desenvolvimento, na formação da personalidade e nas relações com os diferentes contextos em que a criança está inserida (Cassiano, 2013; Schmidt, 2012). Representa “um substrato afetivo, de ativação e atenção da personalidade” (Cassiano, 2013, p. 24). Considerado uma característica que é influenciada diretamente pelas figuras parentais (Martins et al., 2014).

O temperamento é compreendido pelas diferenças individuais, composição biológica e influenciado pelo ambiente (Linhares, Dualibe & Cassiano, 2013). No modelo psicobiológico do temperamento proposto por Rothbart, abordagem adotada na presente pesquisa, o temperamento é compreendido através das diferenças individuais, com base constitucional na reatividade e na autorregulação, influenciado pela hereditariedade, maturidade e experiência (Klein & Linhares, 2010). As diferenças individuais vão além de comportamentos e incluem as diferenças no funcionamento psicofisiológico para compreender o fenômeno (Klein & Linhares, 2010; Schmidt, 2012).

Brofenbrenner (1996) não descarta as influências dos aspectos genéticos da pessoa em seu desenvolvimento, por considerar que estes podem influenciar nas características individuais. Aponta que o ser humano é um ser biológico e psicológico, que interage com o contexto de forma dinâmica (Bueno, Vieira, Crepaldi & Schneider, 2015). O temperamento, nesta perspectiva, é considerado a partir das diferenças individuais, presumidamente compreendido como uma característica biológica, que se modifica ao longo do tempo, o que coaduna com o conceito de Rothbart (Schmidt, 2012).

Além disso, o temperamento, na abordagem de Rothbart, possui três fatores: afeto negativo, extroversão e controle com esforço. O afeto negativo é compreendido como tristeza, medo, raiva e/ou frustração; a extroversão é caracterizada pela impulsividade, nível de atividade e timidez, e, o controle de esforço corresponde a capacidade de focalizar a atenção e exercer controle inibitório (Klein & Linhares, 2010; Schmidt, 2012).

Na revisão sistemática realizada por Gracioli e Linhares (2014) sobre temperamento e suas relações com problemas emocionais e de comportamento em crianças na fase pré-escolar, observou-se que as variáveis da criança, do contexto e das figuras parentais, são variáveis moderadoras da relação entre temperamento e problemas de comportamento externalizantes e internalizantes, o que acarreta em prejuízos em seu desenvolvimento.

Sublinha-se que a avaliação do temperamento das crianças pré-escolares ainda é um tema pouco explanado por pesquisadores, o que aponta para a importância de compreender como esse fenômeno se desdobra, incluindo a participação e a relação do pai em sua constituição (Seabra-Santos & Almeida, 2014; Schmidt, 2012). Neste sentido, a relevância científica desta pesquisa reside na importância da ampliação de literatura nesta temática, considerado um avanço nas pesquisas do cenário brasileiro referente ao temperamento de crianças pré-escolares.

Ademais, compreender a relação existente entre o envolvimento paterno e o temperamento do(a) filho(a), é relevante socialmente por possibilitar a elaboração de políticas públicas e projetos de intervenção a fim de fomentar o envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as), considerando todas as variáveis que interferem nesse fenômeno. Pode-

se, ainda, pensar na promoção de intervenções psicoterápicas com as diferentes configurações familiares.

A presente pesquisa faz parte de um projeto mais amplo realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”. Tal projeto está em desenvolvimento no Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), em parceria com o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC).

Ante o exposto, apresenta-se a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a relação entre o envolvimento paterno e o temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais?

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- ❖ Analisar a relação entre o envolvimento paterno e o temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais.

2.2. Objetivos Específicos

- Caracterizar as famílias participantes, ao que se refere às variáveis sociodemográficas;
- Caracterizar o envolvimento paterno;
- Caracterizar o temperamento infantil;
- Relacionar as características do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-escolares;
- Relacionar as características do envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares, com as variáveis sociodemográficas.

3. MARCO TEÓRICO

3.1. Perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano

A Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano foi elaborada por Urie Bronfenbrenner e é considerada um dos aportes teóricos utilizados para o entendimento dos processos de interação que ocorrem entre indivíduo e a família, ao longo do tempo. Considera que o desenvolvimento humano ocorre num ambiente de interação entre o indivíduo e seu contexto de vida (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Polônia, Dessen & Silva, 2005).

Inicialmente, o autor definiu o Modelo Ecológico influenciado pelas ideias de Kurt Lewin - noções de desenvolvimento e ambiente, e, de Jean Piaget - os processos de desenvolvimento humano. Neste modelo, o ambiente é definido como foco principal para compreender como o indivíduo se desenvolve ao longo da vida. Porém, ao longo de sua carreira, a teoria passou por reformulação e revisões, ao compreender que o modelo ecológico dava muita ênfase aos aspectos do contexto em relação aos aspectos voltados a pessoa (Benetti, Vieira, Crepaldi & Schneider, 2013). A Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano é a ampliação dos conceitos originais do Modelo Ecológico e a proposta de compreender o desenvolvimento humano sobre quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (PPCT) (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004; Polônia et al., 2005).

O Processo ocupa papel central neste modelo e é caracterizado pelas interações recíprocas que acontecem de maneira gradativa, entre o indivíduo e as pessoas, os instrumentos e os signos presentes no ambiente imediato (Narvaz & Koller, 2004; Polônia et al., 2005). Neste núcleo a ênfase está nos processos proximais, que são formas particulares de interação entre o organismo e o contexto no decorrer do tempo, e são caracterizados como motores do desenvolvimento (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004). Assim, os processos proximais variam de acordo com as características individuais e de contexto, tanto espacial quanto temporal (Benetti et al., 2013).

Para que os processos proximais ocorram é necessária a existência simultânea de cinco fatores, a saber: a) o indivíduo deve estar

engajado na atividade; b) essa atividade deve acontecer frequentemente, através de períodos regulares de tempo; c) as atividades devem ser suficientemente longas e progressivamente mais complexas; d) deve haver reciprocidade nas relações interpessoais e, e) os instrumentos e signos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, exploração, imaginação e manipulação da pessoa no seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os processos proximais podem ocorrer ao indivíduo realizar atividades sozinho ou quando interage com outra(s) pessoa(s) e, desse modo, formam os sistemas diáticos (duas pessoas), triádicos (três pessoas) ou poliádicos (quatro ou mais pessoas) (Bronfenbrenner, 1996). Para o autor, as díades podem assumir três formas funcionais diferentes: díade observacional: o indivíduo está prestando atenção na atividade de outro; díade de atividade conjunta: quando duas pessoas percebem-se fazendo alguma atividade juntos; díade primária: é aquela que continua a existir fenomenologicamente, para ambos indivíduos, mesmo quando não estão juntos (Bronfenbrenner, 1996). Importante salientar que essas três formas de díades não são mutuamente excludentes e podem acontecer no decorrer do desenvolvimento.

A Pessoa, segundo núcleo do modelo bioecológico, refere-se tanto aos fatores biopsicológicos do desenvolvimento do ser humano quanto àquelas características construídas na interação com o ambiente (Bronfenbrenner, 1996; Benetti et al., 2013). Os atributos relacionados à pessoa foram divididos em três domínios, que atuam no desenvolvimento e influenciam os processos próximos: força/disposição, recursos e demanda (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

O domínio força/disposição caracteriza-se pelas disposições comportamentais, relacionadas às diferenças de temperamento, motivação e persistência, que podem impulsionar e manter, retardar ou até evitar que os processos proximais ocorram (Benetti et al., 2013). Esse domínio apresenta características geradoras (generativas) e/ou desorganizadoras (disruptivas), que inferem sobre o desenvolvimento, a saber: a) as geradoras influenciam positivamente a ocorrência de processos proximais, além de desenvolver orientações ativas tais como: curiosidade e tendência em iniciar e engajar-se em atividades, e; b) as

desorganizadoras influenciam negativamente e aparecem nas dificuldades da pessoa em manter o controle sobre suas emoções e comportamentos, como a impulsividade e a timidez (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

O domínio recursos corresponde às habilidades, experiências e conhecimentos que influenciam a capacidade do indivíduo de engajar-se em processos proximais, durante todo os estágios de desenvolvimento. Há, ainda, os recursos sociais e materiais que são promotores de processos proximais, como o cuidado parental, educação e moradia. Além destes, os recursos funcionam também como elementos perturbadores, tais como deficiências genéticas e lesões cerebrais (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

O terceiro domínio, denominado demandas é caracterizado pelas disposições que são capazes de influenciar o processo de desenvolvimento (Benetti et al., 2013). São disposições que agem como um estímulo entre o indivíduo e o meio social, isto é, a capacidade de o indivíduo provocar ou impedir a presença, no ambiente, de reações que favorecem ou inibem a ocorrência dos processos proximais e o desenvolvimento psicológico, tais como idade e aparência física (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

As interações dos indivíduos em desenvolvimento não são restritas às pessoas, mas também aos instrumentos/objetos e símbolos/signos que se encontram nos diferentes contextos de desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, a força e a direção dos processos proximais interagem com as características demográficas (como idade, gênero e etnia), características ambientais e eventos que ocorrem no decorrer do tempo, interferindo nos resultados evolutivos que deles decorrem (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O Contexto, terceiro núcleo do modelo bioecológico, corresponde a qualquer evento ou condição fora do organismo, aos contextos de vida do indivíduo que podem influenciar ou serem influenciados pela pessoa em desenvolvimento (Benetti et al., 2013). Esse núcleo é organizado em quatro subsistemas concêntricos que estão articulados e interconectados e que formam o meio ambiente ecológico, a saber: microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner, 1996; Narvaz & Koller, 2004; Polônia et al., 2005).

O Microssistema corresponde ao ambiente mais imediato do indivíduo, no qual os papéis, as atividades e as interações face a face ocorrem (Benetti et al., 2013), como por exemplo a família. As características físicas, sociais e simbólicas, particulares de cada ambiente, interferem nas relações interpessoais e nos processos proximais, de forma a estimulá-los ou a inibi-los. Assim, as relações interpessoais, as atividades e os papéis são associados às características do ambiente imediato (Bronfenbrenner, 1996; Polônia et al., 2005).

O Mesossistema representa a interação entre dois ou mais microssistemas, onde a pessoa em desenvolvimento está inserida, como por exemplo as relações que a família estabelece com a escola/creche da criança. Assim, a pessoa em desenvolvimento participa de maneira ativa, podendo realizar interações promotoras ou inibidoras do desenvolvimento (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner, 1996; Polônia et al., 2005).

O Exossistema é composto por um ou mais ambientes, em que a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente de um deles, porém é afetado por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento. Como exemplo de exossistema de uma criança, cita-se o local de trabalho dos pais, ambiente que a criança não participa, mas que pode afetá-la indiretamente (Benetti et al., 2013; Bronfenbrenner, 1996; Polônia et al., 2005).

O Macrossistema engloba os sistemas de valores, crenças, cultura e subculturas dos três níveis anteriores. É o conjunto de recursos materiais, ideologias, costumes e estilos de vida, economia, política e leis (Benetti et al., 2013; Polônia et al., 2005). Como exemplo, as crenças e valores que a família possui e, que se diferem de famílias que moram em outras regiões do país. Bronfenbrenner (1996) o considera como uma matriz da sociedade, para uma cultura ou uma subcultura particular.

O Tempo, quarto componente do modelo bioecológico, é chamado também de Cronossistema, e foi a dimensão incorporada na Teoria Bioecológica. Corresponde a estrutura que adiciona dimensões do tempo, relacionando-o com o desenvolvimento da pessoa, ao longo de seu ciclo de vida (Benetti et al., 2013; Narvaz & Koller, 2004). O cronossistema é dividido em três níveis, a saber: a) microtempo: corresponde as continuidades e descontinuidades frente aos processos

proximais; b) mesotempo: refere-se à periodicidade dos eventos, a frequência e a duração, como dias e semanas, e; c) macrotempo: abrange as mudanças nos eventos na sociedade, que podem afetar o desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida (Narvaz & Koller, 2004; Polônia et al., 2005).

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento compreende que o desenvolvimento humano é interativo e contextualizado, em que a pessoa é um ser ativo, interagindo com o ambiente e outras pessoas. Compreende o homem como um ser inter-relacional, que estabelece relações proximais, entre pessoas, objetos e signos do ambiente. Portanto, o desenvolvimento humano aflora nas relações entre o indivíduo e os contextos que está inserido (Benetti et al., 2013).

Nos seus escritos, Brofenbrenner (2005) destaca a importância das relações entre pais e filhos(as), bem como a presença materna e paterna no desenvolvimento da criança. Ao estudar família, o autor pontuou a preocupação com as mudanças socioeconômicas que sucederam nas últimas décadas, que ocasionou a necessidade de as figuras parentais trabalharem, o aumento das famílias monoparentais e o alto índice de divórcio. Destacou que esses fatores podem suscitar prejuízos no desenvolvimento da família, principalmente das crianças (Brofenbrenner, 2005).

A família é o centro do sistema social, a continuidade e as mudanças que ocorrem nesse contexto acarretam mudanças nos processos proximais, conforme as características de cada pessoa (Brofenbrenner, 2005). Em estudos com famílias, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento é empregada por compreender que o processo de desenvolvimento individual é atrelado ao desenvolvimento de cada membro da família e o contexto em que está inserida (Bossardi, 2015).

A escolha por tal teoria, deu-se por compreender o desenvolvimento humano de forma global, além de considerar as variáveis que interferem no ciclo de vida e a influência recíproca entre as características da pessoa e do contexto. Partindo deste entendimento, o presente estudo busca compreender a relação entre o envolvimento paterno e o temperamento da criança, considerando as diferentes variáveis que afetam essa relação dinâmica.

3.2. O envolvimento paterno e o impacto no desenvolvimento infantil

As figuras parentais desempenham papéis diferentes na criação e no desenvolvimento da criança, conforme o contexto cultural. Os papéis maternos e paternos são multidimensionais, complexos e a modificação destes papéis alteram as responsabilidades, as tarefas com o(a) filho(a) e conseqüentemente as tarefas domésticas. Tradicionalmente as mães são identificadas como cuidadora primária do(a) filho(a), já o pai como provedor econômico da família e que desempenhava papel secundário nos cuidados com os(as) filhos(as) e nas tarefas domésticas (Bossardi & Vieira, 2015).

A paternidade pode ser analisada sob três perspectivas: a) tradicional – pai provedor econômico, disciplinador, suporte emocional da mãe e o envolvimento com os(as) filhos(as) é restrito; b) moderno: o pai preocupa-se com o desenvolvimento moral, acadêmico e emocional dos(as) filhos(as), e; c) emergente, o envolvimento do pai com a família e com os(as) filhos(as) é ativo em várias esferas, como no cuidado, na educação e na participação efetiva nos cuidados domésticos (Lewis & Dessen, 1999). Há questionamentos sobre quais são os modelos de paternidade existentes, o que proporciona a discussão sobre o impacto do pai no desenvolvimento da criança e a reinvenção do papel do pai no contexto familiar (Vieira et al., 2014).

No decorrer das últimas décadas, mudanças relevantes ocorreram nas dinâmicas familiares e pesquisas relacionadas à Psicologia do Desenvolvimento, acerca da paternidade e do papel paterno no desenvolvimento infantil, tornaram-se recorrentes. A importância do pai para o desenvolvimento infantil passou a ser evidenciada a partir da década de 70, com Michael Lamb e a publicação do livro “O papel do pai no desenvolvimento infantil”, em 1976 (Goetz & Vieira, 2010). Diante disto, as pesquisas relacionando a importância do pai no desenvolvimento infantil utilizam-se de termos como investimento, envolvimento, engajamento paterno e a paternidade responsável para investigar tais fenômenos (Backes, 2015; Bolze, 2011).

A paternidade responsável considera a importância de o pai estabelecer a paternidade de maneira a ser presente na vida do(as) filho(as), dividir o suporte econômico e ser envolvido em colaboração com a mãe (Borisenko, 2007). O investimento corresponde ao grau que cada figura parental investe nos(as) filhos(as), considerado um conceito

mais global (Trivers, 1972; Vieira, Rímoli, Prado & Chelini, 2009), e utilizado por pesquisadores evolucionistas (Bossardi, 2011).

O envolvimento paterno é um termo proposto por Lamb et al., (1985). É caracterizado e definido através de três dimensões: a) interação: tempo que se passa em interação efetiva com a criança, como alimentar e brincar com a mesma; b) acessibilidade: presença e disponibilidade do pai com a criança, como atividades que envolvam graus menos intensos de interação, e; c) responsabilidade: garantir cuidados e recursos para a criança, assumindo responsabilidade pelo bem-estar e cuidados a criança (Lamb, 1997). Pode, ainda, ser caracterizado como ativo e passivo, a saber: o envolvimento ativo abrange cuidar, fazer a higiene e falar com a criança, já o envolvimento passivo corresponde a proximidade com a criança, não implicando numa ação (Lamb, 1997). Esse conceito deve ser compreendido dentro de um sistema familiar que lhe imprima importância e significado particulares (Bueno, Gomes & Crepaldi, 2015).

O termo engajamento paterno² foi adotado por Dubeau, Devault e Paquette (2009) e corresponde à participação contínua do pai biológico ou substituto, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico, psicológico do(a) filho(a) (Bossardi, 2011). O engajamento se manifesta de diferentes formas e desenvolve progressivamente, conforme as seguintes características:

- Pai em interação: presença direta ou indireta do pai para com a criança;
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas;
- Pai afetuoso: gestos e palavras que tranquilizam e encorajam;
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança;
- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança;
- Pai evocativo: pensa na criança (Dubeau et al., 2009, p. 75, tradução livre).

² Engajamento paterno é compreendido como sinônimo de envolvimento paterno. Termo utilizado pela Equipe ProsPère, sediada no Canadá, composta por pesquisadores de diversas áreas que, há mais de 10 anos, dedicam-se ao estudo da paternidade. Mais informações: <http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>

Para Lamb (1997) há quatro fatores que afetam o envolvimento paterno, a) motivação: desejo do pai em se envolver nos cuidados com os(as) filhos(as); b) competências e autoconfiança: habilidades que os pais têm para cuidar dos(as) filhos(as) - o autor pontua que essa é uma barreira fundamental; c) suporte/apoio: aprovação e incentivo do envolvimento, especialmente por parte da mãe; d) práticas institucionais: o ambiente e as exigências do trabalho, e ser reconhecido como o provedor financeiro da família.

Além disto, o envolvimento paterno pode ser influenciado pelas características pessoais do pai: relacionamento com o próprio pai na infância e peculiaridades sociodemográficas, como a sua idade; do contexto familiar: características da mãe, da relação conjugal e da criança, como o temperamento, e; do ambiente social: trabalho do pai, cultura local e comunidade. O nível de envolvimento do pai resulta da interação dinâmica destes três fatores (Turcotte & Gaudet, 2009).

Pesquisas recentes realizadas no Núcleo de Desenvolvimento e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) da UFSC, evidenciam que nas últimas décadas o pai aparece mais participativo e envolvido com a família e com o(a) filho(as) (Backes, 2015; Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Bueno, 2014; Vieira et al., 2014). O pai se ocupa mais com as brincadeiras, educação e ensino de valores com os(as) filhos(as), relacionado com o desenvolvimento socioemocional (Bueno et al., 2015). Tem papel importante não só no desenvolvimento infantil, mas na família como um todo e em aspectos da conjugalidade (Vieira et al., 2014) desempenha, assim, um cuidado diferente do cuidado materno, com vistas à abertura ao mundo (Bolze, 2011; Paquette, 2004a).

A abertura ao mundo refere-se aos comportamentos do pai que estimulam a criança a ficar mais autônoma para explorar o ambiente (Paquette, Eugène, Dubeau, & Gagnon, 2009). É constituída por duas dimensões básicas: a estimulação e punição. O conceito de estimulação refere-se aos comportamentos iniciados pelo pai em interação com a criança a fim de incentivar a criança na tomada de decisões, autonomia, assumir riscos, explorar o ambiente, autoconfiança e ativação (Paquette, 2004b). O conceito de punição concerne à atividade de proteção, limites e disciplina. Proporciona a criança limites e referências estabelecidas pela educação (Paquette, 2004b). Assim, os pais que são mais afetivos expõem regras e limites claros aos(as) filhos(as), em idade pré-escolar,

proporcionam o desenvolvimento da autonomia, autoconfiança e responsabilidade (Paquette, 2004b),

Ao que tange a paternidade e o desenvolvimento infantil, estudos demonstram que parece haver uma relação positiva entre o envolvimento dos pais com menores índices de hiperatividade, problemas de comportamento, maior repertório de habilidades sociais na criança e linguagem (Bueno et al., 2015; Lamb, 1997; Lopes & Paula, 2011; Paquette, 2004a; Vieira et al., 2014). Entretanto, a ausência paterna pode ocasionar conflitos no desenvolvimento psicológico, como problemas emocionais, níveis menores de desenvolvimento cognitivo, problemas de conduta e dificuldades na escolha profissional (Bueno et al., 2015; Lamb, 1997; Vieira et al., 2014).

O envolvimento do pai exerce, também, repercussões indiretas no desenvolvimento infantil, ao favorecer o bem-estar da mãe, bom relacionamento conjugal, compartilhar das tarefas domésticas e sustento econômico familiar, o pai contribui para um clima harmônico e positivo no desenvolvimento da criança (Bueno et al., 2015). O envolvimento paterno pode ser mediado pela presença e interferência materna, assim, quanto mais estável for a relação conjugal, maior será o envolvimento do pai com o(as) filho(as) (Bolze, 2011; Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi & Vieira, 2016).

Alguns estudos evidenciam que próprio pai tem entendimento da importância que lhe é atribuída, mesmo antes do nascimento dos(as) filho(as) (Caires & Vargens, 2012; Nogueira & Ferreira, 2012; Predomini & Bonilha, 2011). Os pais compreendem que a relação que é estabelecida entre pai-bebê inicia-se precocemente, podendo ser um preditor importante para o desenvolvimento dos(a) filho(a), tendo intercorrências na vida adulta deste (Martins et al., 2014).

Cabe ainda pontuar que as características da personalidade da criança, exercem influência na maneira como o pai interage e se envolve. Aspectos relacionados ao temperamento da criança são associados aos conflitos conjugais, bem como ao modo como os pais se engajam com a criança (Cassiano, 2013; Schmidt, 2012). O envolvimento paterno é, neste sentido, uma variável que sofre influência direta e indireta do contexto em que a família está inserida, das características do relacionamento conjugal e das particularidades da própria criança, como o temperamento.

3.3. Principais abordagens teórico-conceituais sobre temperamento

Compreender as diferenças nos traços e nas características da personalidade do indivíduo, desperta o interesse de pesquisadores desde a antiguidade. O conceito de temperamento tem origem em 400 anos a.C., quando Galeno e Hipócrates propuseram diferentes tipos de temperamentos, considerados os quatro temperamentos primários, a saber: tipo sanguíneo, colérico, melancólico e fleumático (Ito & Guzzo, 2002). Porém, o estudo deste fenômeno passa a ser mais efetivo no século XX, com estudos realizados por psiquiatras e psicólogos, a partir das décadas de 1950 e 1960 (Ito & Guzzo, 2002; Guzzo et al., 2004).

O temperamento apresenta diferentes definições, dimensões e instrumentos para sua avaliação. Entretanto, parece haver um consenso de que o temperamento é considerado como diferenças individuais que aparecem desde a infância (Ito & Guzzo, 2002; Schmidt, 2012). Os estudos diferem na ênfase que é atribuída aos fatores biológicos e contextuais, assim como na origem do temperamento (Klein & Linhares, 2007). Ao que tange o temperamento infantil, estudos vem sendo realizados para compreender a base do desenvolvimento da personalidade e a repercussão no ciclo de vida (Cassiano, 2013; Klein, 2009; Schmidt, 2012).

As três principais abordagens teórico-metodológicas que discorrem sobre o temperamento, são apresentadas neste estudo. As referidas abordagens foram identificadas em levantamentos de literatura e estudos sobre o fenômeno no decorrer das décadas e são compreendidas como as principais abordagens ao investigar o temperamento da criança (Ito & Guzzo, 2002; Klein & Linhares, 2007; Klein & Linhares, 2010).

A primeira abordagem se refere à pesquisa de Thomas e Chess, realizada em 1956, denominada *New York Longitudinal Study* (NYLS). O estudo realizado pelos autores foi longitudinal e envolveu bebês a partir dos dois ou três meses de vida, e teve continuidade durante trinta anos (Ito & Guzzo, 2002). Os pais das crianças foram entrevistados, para se obter informações precisas sobre os padrões das reações infantis, em diversas situações (Cassiano, 2013). O temperamento, nesta perspectiva, é compreendido como um atributo psicológico que interage com outros atributos, porém é independente dos mesmos (Ito & Guzzo,

2002), e se manifesta por meio do comportamento (Klein & Linhares, 2010).

Assim, o temperamento é entendido como uma categoria derivada de comportamentos num determinado momento da vida do indivíduo, sofre influências passadas e presentes, modela e se modifica, num processo interativo (Klein & Linhares, 2007). Tal abordagem propôs um sistema de nove categorias, a saber: 1) nível de atividade; 2) ritmo; 3) aproximação ou retraimento; 4) adaptabilidade; 5) limiar de responsividade; 6) intensidade de reação; 7) qualidade de humor; 8) distraibilidade; 9) período de atenção e persistência (Klein & Linhares, 2007; Muris & Ollendick, 2005).

A partir destas dimensões, foram obtidas categorias sobre os principais tipos de temperamento. O primeiro corresponde ao “temperamento fácil”, caracteriza-se pela regularidade das funções orgânicas, respostas de aproximação positivas a novos estímulos, alta adaptabilidade as mudanças, bem como a intensidade do humor leve e moderado, predominante positivo. O segundo refere-se ao “temperamento difícil” assinala aos sinais de irregularidade nas funções orgânicas, respostas de retraimento negativo a novos estímulos, desadaptação ou adaptação lenta as mudanças e as expressões de humor, que são frequentemente negativas. O terceiro tipo é identificado como “temperamento lento para reagir/aquecimento lento” corresponde a combinação das respostas negativas aos estímulos novos, com adaptação lenta, após repetidos contatos (Ito & Guzzo, 2002; Klein & Linhares, 2007).

A definição conceitual destas categorias recebe algumas críticas, por terem sido desenvolvidas com objetivos clínicos, o que não permite a elaboração de medidas homogêneas baseadas neste construto e aplicação na área de pesquisa. Além de causar confusões nos conceitos de criança difícil (temperamento difícil), termo amplamente difundido na literatura, ocasionando comprometimento aos rótulos que são dados a estas (Klein & Linhares, 2007).

A segunda abordagem é denominada Modelo EAS – Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade, proposta por Buss e Plomin, em 1975 (Ito & Guzzo, 2002; Muris & Ollendick, 2005). O temperamento é compreendido como traços de personalidade, que são herdados e surgem nos dois primeiros anos de vida, e permanecem como componentes básicos (Ito & Guzzo, 2002). Nesta perspectiva são elencadas três dimensões básicas do temperamento. A primeira

dimensão corresponde a emocionalidade, caracterizada pela instabilidade psicológica e à propensão a experimentar sentimentos de medo, tristeza e raiva. A segunda dimensão é identificada como atividade referente as características como tempo, resistência e vigor na prática da ação. A terceira dimensão compreende a sociabilidade, concerne aos traços a tendência de afiliação e responsividade frente aos outros (Klein & Linhares, 2010).

As duas abordagens elucidadas, assumem que as diferenças individuais do temperamento são reflexos dos estilos de respostas comportamentais e compreendem que o temperamento é equivalente aos processos emocionais, o que às intitula abordagens estilísticas do temperamento (Cassiano, 2013; Klein & Linhares, 2007). Ainda, caracterizam-se por preocupar-se em descrever como os comportamentos ocorrem, nos diferentes tipos de temperamento, sem atentarem-se ao porquê (Klein & Linhares, 2007).

A terceira abordagem, que embasa o presente estudo, é conhecida como Modelo Psicobiológico de Rothbart, desenvolvida por Rothbart, em 1981. Tal abordagem modificou a concepção do temperamento, ao passar dos modelos estilísticos para um modelo psicobiológico. O modelo proposto por Rothbart, permite avaliar o temperamento numa perspectiva desenvolvimental, ao possibilitar a mensuração deste construto nas diferentes fases do ciclo de vida do indivíduo (Klein & Linhares, 2010). O temperamento é entendido como as diferenças individuais, com base constitucional na reatividade e na autorregulação, ao que concerne os domínios de afeto, atividade e atenção (Rothbart, 2004). Assim, para Rothbart (2004), o temperamento frequentemente se modifica ao longo do curso do desenvolvimento.

A constituição reporta-se as características biológicas do indivíduo, influenciada pela hereditariedade, maturação e experiência; a reatividade é compreendida como as características da responsividade individual a mudanças de estimulação externa ou interna, apresentadas em diferentes níveis (comportamental, autonômico, neuroendócrino) e; autorregulação é entendida pelos processos que modulam a reatividade, que incluem aproximação e/ou retraimento comportamental, o controle inibitório e a atenção (Rothbart, Evans & Ahadi, 2000; Rothbart, 2004).

O temperamento pode moldar e ser moldado, por meio da adaptação individual e das diferentes trajetórias de desenvolvimento,

isto é, o contexto em que o indivíduo se insere (Rothbart, 2004), pode, ainda, ser influenciado por questões relativas ao gênero da criança (Else-Quest, Hyde, Goldsmith & Van Hulle, 2006). Assim, as diferenças individuais do temperamento, constituem a expressão mais prematura da personalidade, apreendida como o conjunto de habilidades, hábitos e estruturas cognitivas, modeladas pelo ambiente (Klein & Linhares, 2007).

O presente modelo teórico apresenta três principais componentes do temperamento, a saber: afeto negativo, extroversão e controle de esforço. O afeto negativo abrange dimensões de desconforto, como o medo, a frustração e a tristeza. Esse fator abarca, ainda, as formas mais primitivas de irritação e angústia, e vem demonstrando que há constância no decorrer do ciclo de vida, incluindo na fase pré-escolar. O fator extroversão é composto pelas dimensões de prazer de alta intensidade, nível de atividade e impulsividade. O fator controle de esforço concerne as dimensões de controle inibitório, focalização da atenção, prazer de baixa intensidade e desempenha um papel central nos processos de socialização da criança (Putnam, Gartstein & Rothbart, 2006; Rothbart, Ahabi, Hershey & Fischer, 2001).

Os fatores extroversão e afeto negativo surgem nas fases iniciais do desenvolvimento, e podem ser observados nos primeiros meses de vida. O fator controle com esforço, se desenvolve mais tardiamente, ao final do primeiro ano de vida e se aprimora na medida em que a criança se aproxima da fase pré-escolar (Klein, 2009). Ao que tange as diferenças de gênero e temperamento, Else-Quest et al., (2006) pontuam que referente ao fator controle com esforço, há maior facilidade em focalizar a atenção e controlar os impulsos (controle inibitório), por parte das meninas. Entretanto, parece não haver diferença significativa ao que concerne o fator afeto negativo. Com relação ao fator extroversão, há relativa diferença na dimensão prazer de alta intensidade, por parte dos meninos (Else-Quest et al., 2006).

A avaliação do temperamento na abordagem psicobiológica de Rothbart pode ser realizada por meio de questionários, tais como: *CBQ – Children’s Behavior Questionnaire*, para crianças de 3 a 7 anos, e o *IBQ – Infant Behavior Questionnaire* para crianças de 3 a 12 meses de idade (Klein & Linhares, 2010). Há, também, observações realizadas em laboratórios, o que permite aos pesquisadores o controle do ambiente, a comparação do comportamento de crianças semelhantes e a redução de influências externas no comportamento das crianças (Cassiano, 2013).

Os questionários, por sua vez, são respondidos pelos pais o que possibilita estabelecer um grau razoável de validade objetiva do construto (Cassiano, 2013). Na presente dissertação elencou-se como instrumento para acessar esse fenômeno o questionário *CBQ – Child Behavior Questionnaire*³, por permitir a aplicação em um número considerável de sujeitos, não expondo os participantes a opiniões de terceiros, além de coadunar com os critérios estabelecidos, como as crianças pré-escolares.

A fim de caracterizar os fatores e as dimensões que compõem o temperamento na abordagem de Rothbart, apresenta-se a Figura 1, produzida por Klein (2009, p. 78), e corresponde ao *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ).

³ O instrumento *Children's Behavior Questionnaire* está descrito na seção método da presente pesquisa.

Figura 1 - Fatores, dimensões e definições do temperamento, com base no *Children's Behavior Questionnaire* (Klein, 2009).

Fatores	Dimensões	Definições
Extroversão	Nível de atividade	Nível de atividade motora ampla que inclui frequência e extensão da locomoção.
	Prazer de alta intensidade	Quantidade de prazer ou diversão relacionado com situações que envolvem uma grande intensidade, frequência, complexidade, novidade e incongruência de estímulos.
	Impulsividade	Rapidez na iniciação da resposta
	Timidez	Aproximação lenta ou inibida em situações que envolvem novidade ou incerteza.
Afeto Negativo	Raiva/frustração	Quantidade de afeto negativo relacionado com a interrupção de uma tarefa em curso ou bloqueio de objetivos.
	Desconforto	Quantidade de afeto negativo relacionado com as qualidades sensoriais da estimulação, incluindo intensidade, frequência ou complexidade da luz, movimento, som e textura.
	Medo	Quantidade de afeto negativo, incluindo inquietude, preocupação ou nervosismo relacionado com dor ou perturbação antecipada e/ou situações potencialmente ameaçadoras.
	Tristeza	Quantidade de afeto negativo, humor e energia rebaixados relacionados com a exposição a sofrimento, desapontamento e perda de objetos.
	Reatividade decrescente/capacidade de se acalmar	Grau de recuperação a partir de picos de perturbação, excitação ou alerta geral.
Controle com Esforço	Focalização de atenção	Tendência para manter a atenção focada sobre canais relacionados com a tarefa.
	Sensibilidade perceptual	Quantidade de detecção de estímulos leves, de baixa intensidade, provenientes do ambiente externo.
	Controle inibitório	A capacidade de planejar e suprimir uma resposta de aproximação inadequada perante instruções ou em situações novas ou incertas.
	Prazer de baixa intensidade	Quantidade de prazer ou diversão relacionado com situações que envolvem baixa intensidade, frequência, complexidade, novidade e incongruência de estímulos.
	Aproximação/Antecipação	Quantidade de entusiasmo e antecipação positiva com relação a atividades prazerosas esperadas.
	Riso e sorriso	Quantidade de afeto positivo em resposta a mudanças na intensidade, frequência, complexidade e incongruência dos estímulos.

Assim sendo, o modelo psicobiológico de Rothbart, permite compreender o temperamento de maneira ampla, ao considerar as influências contextuais, as características individuais da criança e as modificações que ocorrem ao longo do ciclo vital. Tal entendimento coaduna com os preceitos de Brofenbrenner (1996), ao reconhecer que o

desenvolvimento humano ocorre num ambiente de interações recíprocas e ativas entre o ser humano e seu contexto de vida.

Logo, fundamentada na compilação das principais abordagens teórico-metodológicas do temperamento, assim como na importância do papel paterno no desenvolvimento infantil, faz-se necessário compreender como estes fenômenos relacionam-se no desenvolvimento da criança.

3.4. Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil: Revisão Sistemática da Literatura⁴

Com o objetivo de identificar a produção científica nacional e internacional que aborda o envolvimento paterno e o temperamento infantil em artigos empíricos, foi realizada uma revisão sistemática referente à temática, em agosto de 2017. Procedeu-se, as buscas de artigos indexados nas bases de dados eletrônicas LILACS, PePSIC, SciELO, Web of Science e PsycINFO (APA). Os descritores indexados utilizados para a pesquisa foram “pai” e “temperamento”, considerando suas versões em língua inglesa e espanhola. A pesquisa ocorreu pela combinação dos termos, sempre no mesmo idioma, recorrendo-se ao operador lógico *AND*.

Os critérios de inclusão utilizados na busca consistiram em: a) acesso aos resumos e textos integrais nos idiomas português, inglês ou espanhol, b) ter sido publicado no período de 2006 a 2017, c) ser artigo indexado em periódico científico, d) ser artigo de abordagem metodológica quantitativa, e) estar relacionado aos temas envolvimento paterno e temperamento infantil, e f) analisar de maneira independente dados relativos a figura paterna. Já os critérios para exclusão: a) textos de livros, jornais e revistas não científicas, teses e dissertações, congressos (como resumos, trabalhos e/ou conferências); b) artigos não disponibilizados na íntegra e idiomas elencados, c) artigos de revisão ou de abordagem qualitativa; d) artigos que não se relacionem aos temas envolvimento paterno e temperamento infantil; e) artigos com acesso restrito (pagos).

⁴ A presente seção foi elaborada com base no artigo de Schmitz, Deus, Gouvêa, Silva e Vieira (no prelo), submetido a Revista Interação em Psicologia.

A partir das buscas nas plataformas de dados foram encontrados ao todo 441 artigos. Realizou-se a organização e tabulação dos artigos por meio do programa *Microsoft Excel*. Inicialmente foram excluídos 79 artigos duplicados, 25 artigos com acesso restrito (pagos) e sem acesso ao resumo e ao texto integral. Procedeu-se a leitura dos resumos dos demais 337 artigos. Foram excluídos, após leitura dos resumos, 318 estudos que não contemplavam os critérios de inclusão elencados. Por fim, foram incluídos 19 artigos que estavam relacionados à temática que a pesquisa objetivou estudar. Todo o processo foi realizado sob análise de dois juízes independentes, o que permite reduzir os vieses e buscar o consenso nos estudos incluídos para análise integral. O percurso metodológico de seleção dos artigos foi realizado conforme as recomendações do protocolo PRISMA⁵.

A partir das leituras dos artigos 19 artigos, constatou-se que os participantes dos estudos selecionados foram, em sua maioria, a tríade pai/mãe/filho(a) (15 estudos), a percepção de pai/mãe/professores sobre o temperamento infantil foi investigada em dois estudos. Por sua vez, a díade pai-filho(a) foi averiguada em dois materiais analisados. Cabe ressaltar, que a inclusão dos trabalhos analisados que investigaram a família de maneira ampla (pai/mãe/filho(a)), deu-se por discutirem e analisarem a influência das figuras parentais no temperamento da criança de maneira independente, permitindo, assim, a inserção destes estudos na presente análise.

Ao que tange o tipo de estudo, foram encontrados 10 estudos com corte transversal e 9 longitudinal. Os estudos longitudinais foram desenvolvidos junto a famílias que a criança era alvo da avaliação do temperamento, como por exemplo o estudo que observou a criança de 7 meses aos 25 meses (Kim & Kochanska, 2012). Com relação à idade das crianças, os sujeitos alvos das avaliações sobre o temperamento, percebeu-se que a maioria das pesquisas se referiu ao temperamento de crianças de zero a 36 meses (15 trabalhos). Crianças em idade pré-escolar e escolar foram foco de três estudos e, pré-adolescentes foram alvo de um estudo.

Destaca-se que não foram encontrados estudos brasileiros sobre a temática nesta revisão, dado de grande relevância considerando a importância dessa temática para o desenvolvimento infantil. A análise

⁵ Foram resguardadas as informações relativas ao fluxograma do percurso metodológico de seleção dos artigos em função dos direitos autorais de publicação, em processo de avaliação (Schmitz et al., no prelo).

dos dados foi quantitativa em todos os 19 trabalhos incluídos. O método predominante foi levantamento de dados, seguido por levantamento de dados e observação. As técnicas mais utilizadas foram questionários/escalas, observação em laboratório e na residência da família e a combinação entre a aplicação de questionários/escalas e observação.

As medidas utilizadas para a investigação do temperamento infantil, em seis pesquisas averiguadas, foram questionários desenvolvidos com base na abordagem teórico-conceitual de Rothbart, CBQ – *Child Behavior Questionnaire*, para crianças de 3 a 7 anos, e o IBQ – *Infant Behavior Questionnaire* para crianças de 3 a 12 meses de idade. Nas demais pesquisas, recorreu-se aos roteiros de observação na avaliação de temperamento e, demais questionários que investigam o temperamento a partir de outras perspectivas, como o *The Italian Questionnaires on Temperament*, empregado na pesquisa de Cerniglia, Cimino e Ballaroto (2014).

Os resultados mostraram que não há diferenças significativas na avaliação das figuras parentais sobre temperamento do(a) filho(a). Isto é, a percepção de pais e mães sobre o temperamento da criança não é desigual (Casalin, Luyten, Vliegen & Meurs, 2012; Kitamura et al., 2015; Seabra-Santos & Almeida, 2014). Ao que concerne a diferença de gênero na avaliação do temperamento, verificou-se não haver diferenças significativas entre meninas e meninos, nos três fatores do temperamento (Casalin et al., 2012).

A avaliação paterna do temperamento da criança baseia-se, principalmente, no período que pai e filho(a) interagem nos jogos e brincadeiras (Kim & Kochanska, 2012; Komsí et al., 2008). Por outro lado, as mães informam sobre o temperamento do(a) filho(a) com base na interação dos cuidados primários com o(a) filho(a) (Cerniglia et al., 2014). Assim, a verificação de não divergência, pode ser compreendida pelo tempo que tanto a mãe quanto o pai passam em interação direta com a criança (Seabra-Santos & Almeida, 2014).

No que tange o tempo passado em interação com a criança, tanto pais quanto mães parecem passar mais tempo com crianças com temperamento desafiador do que com crianças com temperamento mais fácil, em dias úteis, aqueles em que os pais estão envolvidos com suas atividades laborais (Brown, McBride, Bost & Shin, 2011). Porém, os

pais passaram menos tempo em interação com crianças de temperamento desafiador, em dias não-úteis, ou seja, nos finais de semana. Esses dados explicam-se pelo tempo limitado em dias de trabalho, quando alguns pais podem escolher passar mais tempo com crianças temperamentalmente exigentes, relacionando-o com as exigências do papel paterno (Brown et al., 2011).

Com relação às avaliações do temperamento infantil realizadas por professores, verificou-se que há diferenças significativas da análise de pai e mãe. Esse dado pode ser apreendido pelo pouco tempo de convívio diário com as crianças, uma vez que o parâmetro de avaliação foi a interação e o tempo passado em sala de aula com a criança (Seabra-Santos & Almeida, 2014). Na pesquisa realizada por Karreman, Haas, Tuijl, Aken e Dekovic (2010), o relato dos professores referente ao temperamento apresentado pelas crianças durante o período passado nas creches, foi estudado como complemento da análise.

Aponta-se, ainda, que o temperamento da criança parece ser influenciado pelo estilo de interação com pai e mãe (e vice-versa), de maneira que quanto mais próximo e envolvido com o(a) filho(a), mais segura e assertiva será sua avaliação sobre o temperamento do(a) filho(a), assim como a percepção sobre as necessidades da criança (Seabra-Santos & Almeida, 2014). Nesse aspecto, o estudo de Karreman et al., (2010) constata não haver diferenças significativa na influência de ambas figuras parentais no comportamento e no temperamento da criança. Entretanto, verificou-se que o pai desempenha um papel importante em fatores específicos do temperamento infantil (Karreman et al., 2010) e a relação pai-filho(a) é considerada um moderador do temperamento (Aviram, Atzaba-Poria, Pike, Meiri & Yerushalmi, 2015; Kochanska & Kim, 2014).

Os estudos sobre os efeitos do temperamento infantil na interação pai-filho(a), e vice-versa, demonstram que há associação entre o envolvimento do pai com as dificuldades infantis (Komsí et al., 2008; Planalp & Braungart-Rieker, 2013). Assinalam que o envolvimento paterno é influenciado pelos comportamentos e temperamento dos(as) filhos(as) (Brown et al., 2011; Cerniglia et al., 2014), pela relação conjugal, contexto sociocultural e ecológico (Mehall, Spinrad, Eisenberg & Gaertner, 2009), traços genéticos (Flouri & Malmberg, 2010) e se modifica conforme o nível de educação (Komsí et al., 2008). Além desses aspectos, o tempo dispendido em interação com a criança e

a jornada de trabalho do pai, são considerados fatores moderadores do temperamento infantil (Brown et al., 2011; Kochanska & Kim, 2014).

Os pais são mais propensos a envolver-se com crianças de mais idade (Mehall et al., 2009; Paquette & Dumont, 2013) e, tem influência mais significativa no temperamento do filho homem, no que diz respeito ao controle de humor (Hanington, Ramvhandani & Stein, 2010). A diferença de gênero foi verificada nas pesquisas de Hanington et al., (2010) que analisava a influência da depressão paterna no temperamento da criança, concluindo que as crianças de sexo masculino têm maior risco de dificuldades comportamentais e emocionais do que em filhas. Os autores apontam que essa diferença pode ser explicada pela forma que os pais interagem com o filho homem (e vice-versa), e informam que essa psicopatologia pode dificultar a tarefa do pai em regular as emoções dos(as) filhos(as).

O tempo passado em interação com a criança e a qualidade desta interação aparecem como fatores importantes na modulação do temperamento infantil. Pais que passam pouco tempo em contato com o(a) filho(a) e com envolvimento pouco sensível, têm crianças mais propensas a angústia, dificuldades nas interações sociais e gerenciamento de emoções (Brown, Mangelsdorf, Neff, Schoppe-Sullivan & Frosch, 2009). As crianças, ainda, expõem maior tendência de apresentar temperamento difícil, desafiador ou irregular.

Os traços genéticos paternos são fatores moderadores do temperamento infantil. Filhos(as) de pais com temperamento ou comportamentos difíceis são mais propensos a alto risco de comportamento e temperamento difíceis (Flouri & Malmberg, 2010). Crianças com temperamento mais fácil diminuem as chances de os pais distanciarem-se da unidade familiar, assim como aumentam as chances de os pais envolverem-se com os(as) filhos(as). Informam que as características biológicas, sociodemográficas, fatores contextuais, ambientais e o comportamento do pai influenciam diretamente em aspectos comportamentais e relacionados ao temperamento das crianças (Flouri & Malmberg, 2010).

A parentalidade positiva paterna interagiu com a flexibilidade infantil, ao que tange problemas comportamentais internalizantes e externalizantes, componentes do temperamento (Nelson, 2015; Rabinowitz, Drabick, Reynolds, Clark & Olino, 2015). Verificou-se que

a flexibilidade dos pré-adolescentes se modificou conforme a flexibilidade do papel paterno e o tempo em interação com o(a) filho(a), associando a paternidade positiva a flexibilidade temperamental das crianças. Por outro lado, crianças com menor índice de flexibilidade paterna obtiveram um índice maior de sintomas de internalização e externalização (Rabinowitz et al., 2015).

Por outro lado, níveis mais elevados de envolvimento do pai têm sido associados a resultados de desenvolvimento mais positivos em vários domínios, como o melhor gerenciamento das emoções (Bayly & Garstein, 2013; Brown et al., 2009), no controle e na intensidade do humor (Hanington et al., 2010), na socialização (Brown et al., 2009) e influência na emocionalidade (como raiva, depressão e impulsividade) (Kitamura et al., 2015). Assim, os cuidados, a interação e o tempo dispendido dos pais afetam as características do temperamento (e vice-versa) (Potapova, Gartstein & Bridgett, 2014).

4. HIPÓTESES

O envolvimento paterno e o temperamento da criança são fenômenos complexos que são modulados por diferentes variáveis, como: a) as características do pai (escolaridade, idade e jornada de trabalho), b) características da própria criança (sexo e idade) e, c) aspectos sociodemográficos da própria família (composição familiar e número de filhos) (Cassiano, 2013; Lamb, 1997; Schmidt, 2012; Turcotte & Gaudet, 2009).

Com base nos argumentos apresentados, apresenta-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: O maior envolvimento será evidenciado em pais que tiverem maior idade e escolaridade.

Justificativa: Turcotte e Gaudet (2009) e Komsis et al., (2008) apontam que as características individuais dos pais interferem no nível e na maneira como o pai se envolverá com a criança. Quanto maior a idade do pai mais ele estimula o(a) filho(a) a explorar o ambiente e, quanto maior a escolaridade paterna mais ele estimula a criança a ter perseverança (Backes, 2015). Além disto, Broger e Zeni (2009) e Paquette, Bolté, Turcotte e Dubeau, (2000) informam que quanto mais velho é o pai, mais ele realizará abertura ao mundo.

Hipótese 2: Quanto maior a jornada de trabalho do pai, menor será o tempo investido com a criança, afetando negativamente no desenvolvimento do temperamento do(a) filho(a).

Justificativa: A jornada de trabalho paterna é considerada uma das principais variáveis que afetam o envolvimento paterno (Vieira et al., 2014). Turcotte e Gaudet (2009) apontam que as características do ambiente social, como a jornada de trabalho do pai, interferem no tempo dispendido em relação a criança. Logo, a jornada de trabalho do pai influenciará no tempo de convívio com a criança, afetando o seu envolvimento com o(a) filho(a) e, conseqüentemente o desenvolvimento integral da criança (Brown et al., 2011; Kochanska & Kim, 2014).

Hipótese 3: *O índice de controle com esforço será maior conforme a idade da criança e se apresentará com maior intensidade no gênero feminino.*

Justificativa: Na fase pré-escolar os índices do fator controle com esforço possibilitam autorregulação comportamental e emocional (Cassiano, 2013; Schmidt, 2012). Quanto mais velha for a criança maiores serão os índices deste fator. Ainda, o gênero da criança é uma variável que interfere no índice de controle com esforço. Logo, meninas apresentarão com maior frequência comportamentos relacionados ao controle inibitório e focalização da atenção (Cosentino-Rocha & Linhares, 2013; Else-Quest et al., 2006; Schmidt, 2012).

Hipótese 4: *O pai mais envolvido com o(a) filho(a) possibilitará índices menores nos fatores afeto negativo e extroversão.*

Justificativa: Na interação pai e filho(a) ocorrem interações que podem promover a aquisição de habilidades ou inibir o controle de diferentes domínios do desenvolvimento (Brofenbrenner, 1996; Bueno et al., 2015). Quanto maior for o envolvimento do pai em interação com a criança, menores serão os fatores de afeto negativo, que se relacionam aos comportamentos internalizantes e, extroversão, correspondente aos comportamentos externalizantes, no temperamento do(a) filho(a) (Schmidt, 2012).

5. MÉTODO

A presente pesquisa inseriu-se no âmbito de um projeto mais amplo realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”, em desenvolvimento no Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), em parceria com o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC).

5.1. Caracterização da Pesquisa

A abordagem desta pesquisa é quantitativa, ao buscar a quantificação e a relação entre as variáveis (Sampieri, Collado & Lucio, 2006). Caracteriza-se, ainda, quanto à temporalidade como um estudo transversal, pois foi analisado num momento determinado, no espaço e no tempo atual, da trajetória de vida dos participantes (Gil, 2002).

Quanto aos objetivos classifica-se como exploratório, descritivo e correlacional. Exploratório, pois, buscou maior familiaridade com os fenômenos envolvimento paterno e temperamento infantil. Descritivo, pois, buscou descrever a relação existente entre esses fenômenos e, correlacional ao verificar a relação existente entre as variáveis (Gil, 2002). Além de utilizar a regressão linear múltipla que permite verificar como a variação de uma(s) variável(is) pode modificar a variação de outra (Field, 2009).

5.2. Participantes e Contexto

A coleta de dados aconteceu em cidades dos Estados do Sul do Brasil, situadas na Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, Região Noroeste do Rio Grande do Sul e Região Centro Ocidental Paranaense, entre os meses de dezembro de 2014 a agosto de 2016. Fizeram parte dessa pesquisa instituições de educação infantil, escolhidas por acessibilidade, as quais atuam na educação de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos.

As famílias foram acessadas pelas instituições de educação infantil. Utilizou-se, ainda, da amostragem denominada “bola de neve”,

por meio da qual as famílias que participaram da pesquisa, indicavam outras famílias como possíveis participantes. Deste modo, participaram da pesquisa 170 famílias biparentais, heteroafetivas, com crianças com desenvolvimento típico e em idade pré-escolar.

Como critérios de inclusão, elencou-se: a) pais e mães deveriam ter tido a criança focal⁶ após seus 18 anos de idade; b) o casal precisava coabitar há pelo menos seis meses; c) a criança focal deveria ter de quatro a cinco anos, onze meses e vinte e nove dias de idade, e; d) ter desenvolvimento típico. Utilizou-se como critério de exclusão pais cujo filho(a) tivesse algum tipo de deficiência física ou mental, visto que a deficiência poderia ser uma variável interveniente neste estudo.

A escolha pela faixa etária da criança focal se explica pelo estudo se inserir no projeto maior. Ainda, por objetivar a investigação do envolvimento paterno nessa faixa etária específica, pois a partir dos 3 anos de idade, a criança demonstra maior abertura nas relações, além da relação com a mãe. Assim, a relação e a interação do pai com a criança tende a ser mais ativa quando a criança é mais velha (Lamb et al., 1985).

5.3. Instrumentos de Coleta de Dados

A complexidade que circunda os fenômenos investigados, requereu que distintos instrumentos fossem utilizados⁷:

- a. Questionário Sociodemográfico: construído por pesquisadores do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), da Universidade Federal de Santa Catarina, o questionário objetivou conhecer as características sociodemográficas das famílias participantes, tais como: o local e tipo de residência, número de pessoas que vivem na casa e idades das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e renda dos pais.

⁶ O termo criança focal é utilizado para definir sobre qual dos(as) filhos(as) os pais responderam aos questionários. Caso houvesse mais de um(a) filho(a) na faixa etária de interesse da pesquisa, os pais foram instruídos a responder aos questionários sobre a criança tenha desenvolvimento típico e cuja primeira letra do nome aparece primeiro na ordem alfabética.

⁷ Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram resguardados em função dos direitos autorais.

Neste estudo, as variáveis sociodemográficas utilizadas foram: escolaridade, idade e jornada de trabalho do pai, sexo e idade da criança, composição familiar e número de filhos(as).

- b. Questionário de Engajamento Paterno (QEP): O Questionário de Engajamento Paterno foi elaborado pela equipe ProSPè, e validado no Canadá com uma amostra de 468 pais que constituíam famílias biparentais com pelo menos um(a) filho(a) entre 0 e 6 anos de idade (Paquette et al., 2000). Os alphas de Cronbach variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal variou de 0,50 a 0,77 (Paquette et al., 2000). Utiliza duas escalas de seis pontos para avaliar com que frequência os pais realizam determinadas atividades com os(as) filhos(as).

O instrumento original é composto por 56 itens distribuídos em sete dimensões: Suporte emocional (12 itens), referente a gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança; Abertura ao Mundo (9 itens), diz respeito a incentivar a criança a ir mais longe e a explorar o ambiente; Cuidados Diretos e Indiretos (9 itens), se refere a fornecer cuidados essenciais à sobrevivência como alimentar, vestir e dar banho. Jogos Físicos (7 itens), diz respeito a interagir com a criança fisicamente por meio de gestos e brincadeiras. Evocações (6 itens), se refere a pensar, lembrar e/ou falar da criança. Disciplina (4 itens), remete às ações de controle de comportamentos, ou seja, ao ato de corrigir e repreender a criança; Tarefas de Casa (9 itens), compreende as atividades com a casa em geral, ou seja, fazer compras, preparar as refeições e se ocupar da limpeza e dos consertos necessários.

Após a análise fatorial com 300 pais e mães brasileiros, a adaptação do QEP para o Brasil apresentou cinco dimensões, que explicaram 47,11% da variância total dos itens. As dimensões Cuidados Diretos e Indiretos e Tarefas de Casa se mostraram unidimensional, assim como Jogos Físicos e Abertura ao Mundo. No estudo com 300 pais o alpha de Cronbach para a dimensão suporte emocional foi 0,81 e para a dimensão cuidados diretos e indiretos 0,90 (Bossardi et al., no prelo).

Para a presente pesquisa foram aplicados apenas 21 itens referentes às dimensões suporte emocional (10 itens) e cuidados diretos e indiretos (11 itens). Os alphas de Cronbach, para esse estudo, na

dimensão suporte emocional foi de 0,89 e cuidados diretos e indiretos 0,84. Para fornecer o índice do envolvimento paterno essas dimensões foram agregadas às respostas dos pais ao QOM.

- c. Questionário sobre abertura ao mundo (QOM): foi elaborado Paquette et al., (2009) e se refere à abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao(a) filho(a) durante a infância. Validado no Canadá com uma amostra de 266 pais de crianças pré-escolares com idades entre dois a cinco anos, e se refere a abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao(a) filho(a) durante a infância.

Constitui-se em uma escala de frequência de atividades que o pai realiza com crianças pré-escolares que tem as opções “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente”, “muito frequentemente” e “não é possível avaliar”. O instrumento original contém 27 itens que estão distribuídos em três dimensões: 1) Estimulação à perseverança (treze itens): encorajar a criança a cumprir tarefas difíceis, superar seus limites e perseverar diante de adversidades, introduzi-la nos esportes, convidá-la a explorar o ambiente e tomar a iniciativa do primeiro contato com uma criança desconhecida; 2) Punição (seis itens): punir ou repreender a criança se ela desobedece, não se esforça ou quebra algo; e 3) Estimulação a correr riscos (oito itens): encorajar a criança a se envolver em atividades arriscadas e dar bastante autonomia para ela explorar o ambiente.

Esse instrumento está em processo de estudo de índices empíricos no Brasil e seu manuscrito encontra-se submetido para publicação. Por meio análise fatorial realizada, nove itens foram retirados, restando 18 itens (Bossardi, Souza, Kaszubowski & Vieira, no prelo). Assim, para a presente pesquisa foram aplicados apenas 18 itens referentes às dimensões Estimulação à perseverança (07 itens), Punição (05 itens) e Estimulação a correr riscos (06 itens). Os alphas de Cronbach, para esse estudo, na dimensão Estimulação à perseverança foi de 0,73, Punição de 0,69 e Estimulação a correr riscos foi de 0,74.

Ressalta-se que, na presente pesquisa, o alpha Cronbach das dimensões do QEP e do QOM que forneceram o índice de envolvimento paterno foi de 0,81.

- d. Questionário de Comportamento das Crianças (*Children's Behavior Questionnaire* - CBQ): destinado a avaliar o

temperamento de crianças de 3 a 7 anos, foi elaborado por Rothbart et al., (2001). O instrumento não está validado nacionalmente, mas, foi traduzido e adaptado para a língua portuguesa (Brasil) por Klein e Linhares (Klein, Putman & Linhares, 2009).

O questionário foi desenvolvido para ser respondido por cuidadores de crianças acerca da reação que elas têm em diferentes situações. Assim, tem-se uma escala cujas respostas variam de 1 (totalmente falsa em relação à criança) a 7 (totalmente verdadeira referente à criança), incluindo o item “não se aplica” (NA) quando a criança não pode ser observada no aspecto descrito. Existem três versões do CBQ: modelo *standard*, composto por 195 itens referentes a 15 dimensões; *short CBQ*, constituído por 94 itens divididos em 15 dimensões; e *very short CBQ*, com 36 itens e três dimensões.

No presente estudo optou-se por utilizar, a versão muito compacta (*very short*) do instrumento, cujas subescalas são: extroversão (12 itens), constituída pelas dimensões nível de atividade, prazer de alta intensidade, impulsividade e timidez; afeto negativo (12 itens), composta pelas dimensões raiva, desconforto, tristeza, medo e capacidade de se acalmar; e controle com esforço (12 itens), referente às dimensões focalização da atenção, controle inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual. Os alphas de Cronbach para as dimensões do CBQ foram: Extroversão - 0,70, Afeto Negativo - 0,70 e, Controle com Esforço - 0,73.

No Quadro 1, foi descrito a correspondência entre os objetivos do estudo com os instrumentos descritos.

Quadro 1 - Correspondência entre objetivos do estudo e instrumentos de coleta de dados.

Objetivos	Instrumentos
Caracterizar as famílias participantes, ao que se refere às variáveis sociodemográficas	Questionário Sociodemográfico
Caracterizar o envolvimento paterno	QEP + QOM
Caracterizar temperamento	CBQ
Relacionar as características do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-	QEP + QOM + CBQ

escolares	
Relacionar as características do envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares, com as variáveis sociodemográficas	QEP + QOM + CBQ + Questionário Sociodemográfico

5.4. Procedimentos de Coleta de Dados

O recrutamento dos participantes foi realizado por meio de escolas de educação infantil. Após a assinatura da Autorização Institucional (Apêndice A), as mesmas enviaram as cartas convites (Apêndice B) às famílias convidando-as a participarem da pesquisa. Após, foi realizado contato telefônico para as famílias que retornaram as cartas ou que foram indicadas por outros participantes (“bola de neve”), agendando data, hora e local para a coleta de dados, que melhor se adequaram aos participantes.

Para a realização da coleta propriamente dita, foi realizada a preparação dos instrumentos e o treinamento dos pesquisadores para a aplicação dos mesmos. A coleta ocorreu da seguinte forma: a) apresentação e explicação sobre os objetivos do projeto; b) leitura e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), com a concordância em participar da pesquisa, c) aplicação dos instrumentos, e; d) despedida e agradecimento a família participante.

Ressaltando que, o TCLE foi lido aos participantes e assinado em duas vias, uma ficou com o participante e outra com o pesquisador responsável pela coleta. Informou-se aos participantes do direito a desistência em qualquer tempo, voluntariedade e o sigilo de sua identidade.

Cabe pontuar que as figuras parentais foram os respondentes dos questionários utilizados nesta pesquisa. Ao que concerne o Envolvimento Paterno (Questionário de Engajamento Paterno e Questionário de Abertura ao Mundo) foram respondidos pelo pai da criança focal. Por sua vez, o questionário que investiga o Temperamento Infantil (Questionário do Comportamento das Crianças) e o Questionário Sociodemográfico foram respondidos pela mãe da criança focal.

A organização da coleta de dados pode ser visualizada no Quadro 2:

Quadro 2 - Etapas e procedimentos de coleta de dados.

Etapas	Procedimentos
1	Preparação dos instrumentos e treinamento para aplicação dos mesmos.
2	Contato com as Instituições de Educação Infantil para apresentação do projeto e estabelecimento de parceria para realização do mesmo.
3	Envio das cartas-convites aos pais das crianças entre 4 a 6 anos.
4	Recolhimento das cartas-convites e contato telefônico com os pais para verificar se esses se enquadram nos critérios da pesquisa e agendamento do encontro para coleta de dados.
5	Encontro para coleta de dados: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; aplicação dos instrumentos.

5.5. Procedimentos para Organização, Tratamento e Análise de Dados

Os dados obtidos com os questionários foram organizados, tabulados e submetidos a análises formais através do pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). As análises formais foram realizadas a partir de: estatística descritiva, que visou caracterizar as variáveis através de informações e valores de suas modalidades como média, frequência e desvio padrão, e, estatística inferencial buscando examinar o grau de relação entre as variáveis, através das análises de correlação e regressão (Field, 2009; Sampieri, Collado & Lucio, 2006).

Primeiramente, realizou-se a estatística descritiva a fim de verificar as médias, valores máximo, mínimos e a distribuição de frequências das variáveis. Assim, foram caracterizadas descritivamente as variáveis concernentes ao envolvimento paterno, temperamento infantil e variáveis sociodemográficas das famílias. Ao que concerne o tratamento dos *missings* nos questionários QEP, QOM e CBQ estes foram substituídos pelas médias das dimensões por sujeito, excluindo o item faltante.

O Envolvimento Paterno dos participantes foi mensurado agregando o Questionário de Engajamento Paterno (QEP) e o Questionário sobre abertura ao mundo (QOM). Para a caracterização do Envolvimento Paterno, procedeu-se com a obtenção das médias em cada dimensão dos instrumentos e a obtenção do índice geral do Envolvimento Paterno. Por sua vez, o Temperamento Infantil foi mensurado por meio *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ) e sua caracterização ocorreu por meio das médias obtidas em cada fator componente do temperamento. Com o intuito de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as médias de meninas e meninos, no que diz respeito às dimensões do Envolvimento Paterno, Índice Geral do Envolvimento Paterno e fatores do Temperamento Infantil, aplicou-se o teste estatístico Teste *t* Independente.

Já com o objetivo de examinar a existência de relação significativa entre as variáveis em estudo recorreu-se à análise de correlação de *Pearson* (Dancey & Reidy, 2013). Cabe pontuar que as correlações encontradas foram em sua maioria fracas e moderadas (Dancey & Reidy, 2013). Deste modo, optou-se por utilizar a significância de cada relação na análise dos resultados. Por meio da correlação foi possível identificar as variáveis que se correlacionavam positiva e negativamente entre si, para dar início na criação dos Modelos de Regressão Linear Múltipla.

No Quadro 3 estão listados os objetivos específicos da pesquisa, os instrumentos e as respectivas análises realizadas:

Quadro 3 - Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa.

Objetivos Específicos	Instrumentos	Análise realizada para responder ao objetivo
Caracterizar as famílias participantes, ao que se refere às variáveis sociodemográficas	Questionário Sociodemográfico	Análise descritiva (frequências, médias, desvio padrão, máximo e mínimo).
Caracterizar o envolvimento paterno	QEP + QOM	Análise descritiva (frequências, médias, desvio padrão, máximo e mínimo); Teste <i>t</i> Independente.
Caracterizar o temperamento infantil	CBQ	Análise descritiva (frequências, médias, desvio padrão, máximo e

		mínimo); Teste <i>t</i> Independente.
Relacionar as características do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-escolares	QEP + QOM + CBQ	Análise Inferencial – Correlação de Pearson; Regressão Linear Múltipla.
Relacionar as características do envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares, com as variáveis sociodemográficas	QEP + QOM + CBQ + Questionário Sociodemográfico	Análise Inferencial – Correlação de Pearson; Regressão Linear Múltipla.

5.6. Procedimentos Éticos

A pesquisa respeitou as normas e diretrizes para realização de pesquisas com seres humanos. Aos participantes foi solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), resguardando-os do direito a desistência em qualquer tempo, voluntariedade e o sigilo de sua identidade.

No que se refere aos riscos da pesquisa, todas as pesquisas com seres humanos possuem riscos. Deste modo, é possível que durante a coleta de dados com os pais e mães, as reflexões acerca de suas vivências e sentimentos sobre o envolvimento com o(a) filho(a), poderiam gerar algum desconforto. Assim, caso necessário, ofereceu-se encaminhamento aos participantes. Esse encaminhamento referiu-se desde acolhimento após a coleta, até encaminhamento para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC), se assim os participantes concordassem.

Como já mencionado, essa pesquisa faz parte do projeto “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), sob o parecer consubstanciado de nº 1.514.798, no dia vinte e seis de abril de 2016 (Anexo A).

6. RESULTADOS

6.1 Caracterização das variáveis sociodemográficas das famílias participantes

A Tabela 1 apresenta a caracterização das principais variáveis sociodemográficas das famílias participantes, como média, desvio padrão, frequência e porcentagem. Este tópico, responde ao objetivo específico “caracterizar as famílias participantes, ao que se refere às variáveis sociodemográficas”.

Tabela 1 – Caracterização das variáveis sociodemográficas das famílias participantes.

Variáveis	Frequência	%, Média (Desvio Padrão)
Cidade e Região do Estado de Residência		
Grande Florianópolis	100	58,8%
Região Centro Ocidental Paranaense	30	17,6%
Itajaí	25	14,7%
Região Noroeste do Rio Grande do Sul	15	8,8%
Idade do Pai (em média)		37,95 ($\pm 6,79$)
Escolaridade do pai (em anos concluídos)		15,28 ($\pm 5,79$)
Jornada de Trabalho Semanal do Pai (em horas)		40,56 ($\pm 13,42$)
Composição Familiar		
Família nuclear, pais biológicos de todos os filhos	138	81,2%
Família recasada com pais biológicos da criança alvo	15	8,8%
Família recasada com padrasto da criança alvo	09	5,3%
Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos	06	3,5%
Família nuclear pais adotivos da criança alvo	01	0,6%
Família nuclear pais biológicos da criança alvo e com criança adotada	01	0,6%
Número de Filhos		1,75 ($\pm 0,67$)
Sexo da Criança Focal		

Masculino	92	54,1%
Feminino	78	45,9%
Idade da Criança Focal (em meses)		61,58 ($\pm 7,97$)

Nota: % = Porcentagem; n=170.

As famílias participantes possuíam de 1 a 4 filhos(as). Com relação a idade das crianças focais, em meses, variou entre 48 e 83 meses, isto é, média de idade de 5 anos. Já no tocante as características da figura paterna, a idade dos pais participantes variou entre 19 e 59 anos de idade. A escolaridade dos pais em anos concluídos variou de 0 a 40 anos de estudos e, a jornada de trabalho semanal paterna, em horas, variou entre 0 e 90 horas semanais.

Ademais, no que concerne ao grau de escolaridade paterna dos pais participantes 31,2% (n=53) possuíam pós-graduação, 24,1% (n=41) ensino superior completo, 8,8% (n=15) ensino superior incompleto, 22,4% (n=38) ensino médio completo, 3,5% (n=06) ensino médio incompleto, 2,9% (n=05) ensino fundamental completo, 4,1% (n=07) ensino fundamental incompleto, com primário completo ou ginásio incompleto, 2,4% (n=04) ensino fundamental incompleto, com primário incompleto e, 0,6% (n=01) não alfabetizado.

6.2. Caracterização do envolvimento paterno e do temperamento infantil

A Tabela 2 apresenta a caracterização do envolvimento paterno e temperamento infantil, por meio das médias gerais obtidas em cada dimensão do Envolvimento Paterno e nos fatores do Temperamento Infantil. Este tópico responde aos objetivos específicos “caracterizar o envolvimento paterno” e “caracterizar o temperamento infantil”.

Tabela 2 - Caracterização do envolvimento paterno e do temperamento da criança.

Envolvimento Paterno	
Dimensões do QEP	Média (Desvio Padrão)
Suporte Emocional	5,10 ($\pm 0,68$)
Cuidados diretos e indiretos	4,13 ($\pm 0,88$)
Dimensões do QOM	Média (Desvio Padrão)
Estimulação à perseverança	4,97 ($\pm 0,66$)

Estimulação a correr riscos	3,76 ($\pm 1,10$)
Punição	2,79 ($\pm 0,84$)
Índice Geral do Envolvimento Paterno	
4,30 ($\pm 0,44$)	
Temperamento Infantil	
Fatores	Média (Desvio Padrão)
Controle com Esforço	5,46 ($\pm 0,80$)
Extroversão	4,69 ($\pm 0,89$)
Afeto Negativo	4,56 ($\pm 0,92$)

Com relação as dimensões do Questionário de Engajamento Paterno (QEP), a média da dimensão suporte emocional variou entre 2,50 e 6,00, e, cuidados diretos e indiretos variando entre 1,36 e 5,91. Ao que concerne as dimensões do Questionário sobre abertura ao mundo (QOM), a média da estimulação à perseverança variou entre 2,71 e 6,00; estimulação a correr riscos variou entre 1,17 e 6,00, e, punição variando entre 1,00 e 5,20.

A média geral do envolvimento paterno (agregando as dimensões do QOM e QEP) variou entre 2,64 e 5,46. Considerando que os instrumentos que mensuram o envolvimento paterno são compostos por uma escala de frequência, que varia entre “nunca” (1) e “muito frequentemente” (6), é possível observar, por meio da média geral desta variável, que os pais participantes realizam tarefas com os(as) filhos(as) “regularmente” ou “frequentemente”.

Pode-se observar médias maiores nas dimensões do envolvimento paterno suporte emocional (5,10) e cuidados diretos e indiretos (4,13) e, nas dimensões da abertura ao mundo estimulação à perseverança (4,97) e estimulação a correr riscos (3,76). Tais resultados apontam para um maior envolvimento do pai em relação à criança no que diz respeito a tranquilizar, consolar e elogiar o(a) filho(a); encorajar a criança a cumprir tarefas difíceis, superar limites, introduzir nos esportes e estimular a criança a explorar o ambiente; cuidar do(a) filho(as), alimentar e dar banho, e; dar autonomia a criança a explorar o ambiente. A dimensão punição (2,79), da abertura ao mundo, obteve a menor média em relação as demais, o que aponta para um menor envolvimento do pai em relação a punir ou repreender a criança.

No tocante ao Temperamento Infantil a média do fator controle com esforço variou entre 2,50 e 6,92; extroversão variando entre 2,33 e

6,92, e, o afeto negativo variou entre 2,33 e 6,75. Considerando que o instrumento que mensura o Temperamento Infantil é composto por uma escala que varia entre “totalmente falsa (1)” e “totalmente verdadeira (7)” é possível inferir sobre o temperamento das crianças focais, por meio das médias obtidas em cada fator avaliado.

Nota-se que o fator controle com esforço obteve a média mais alta (5,46) dentre os três fatores do temperamento. Desse modo, os pais apontam como “razoavelmente verdadeira (5)” e “bastante verdadeira (6)” que o(a) filho(a) apresente controle inibitório, focalização da atenção e sensibilidade perceptual, como exemplo: “quando constrói ou monta alguma coisa, fica muito envolvido no que está fazendo por longos períodos de tempo”. O fator extroversão, com média geral de 4,69, aponta como “nem verdadeira nem falsa (4)” e “razoavelmente verdadeira (5)” que a criança apresente timidez, prazer em alta atividade e impulsividade, como exemplo: “quando brinca no balanço gosta de balançar alto e depressa”. Por último, o fator afeto negativo, com média de 4,56, aponta como “nem verdadeira nem falsa (4)” e “razoavelmente verdadeira (5)” que a criança apresente desconforto, medo, frustração e tristeza, como exemplo: “parece se sentir deprimida quando não consegue completar alguma tarefa.”

6.2.1 Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil em relação ao sexo das crianças

A fim de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas, a Tabela 3, apresenta as médias das dimensões do Envolvimento Paterno e dos fatores do Temperamento Infantil, com relação ao sexo das crianças focais.

Tabela 3 - Média (desvio padrão) do envolvimento paterno e temperamento infantil com relação ao sexo das crianças.

Dimensões do Envolvimento Paterno		
	Dimensões do QEP	
	Meninos	Meninas
Suporte emocional	5,14 (±0,66)	5,07 (±0,71)
Cuidados diretos e indiretos	4,18 (±0,95)	4,08 (±0,80)
Dimensões do QOM		

	Meninos	Meninas
Estimulação à perseverança	4,90 ($\pm 0,66$)	5,04 ($\pm 0,67$)
Estimulação a correr riscos	3,71 ($\pm 1,05$)	3,82 ($\pm 1,16$)
Punição	2,84 ($\pm 0,79$)	2,72 ($\pm 0,89$)
Índice Geral do Envolvimento Paterno	4,31 ($\pm 0,53$)	4,29 ($\pm 0,44$)
Fatores do Temperamento Infantil		
	Meninos	Meninas
Controle com Esforço	5,21 ($\pm 0,80$)	5,76 ($\pm 0,69$)**
Extroversão	4,82 ($\pm 0,84$)	4,52 ($\pm 0,93$)*
Afeto Negativo	4,50 ($\pm 0,87$)	4,63 ($\pm 0,98$)

Nota: ** $p \leq 0,01$ (valores muito significativos); * $p \leq 0,05$ (valores significativos).

Ao realizar o Teste *t* Independente para verificar a existência de diferenças nas médias de meninas e meninos, não se observou resultados estatisticamente significativos com relação ao sexo das crianças focais em nenhuma das dimensões do envolvimento paterno ou no índice geral do envolvimento paterno. Entretanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em dois fatores do temperamento infantil.

Houve diferença estatisticamente significativa no fator extroversão [$t(168) = 2,12$; $p \leq 0,05$], apontando que a média de meninos foi mais elevada neste fator. Por outro lado houve diferença estatisticamente muito significativa no fator controle com esforço [$t(168) = -4,73$; $p \leq 0,01$], sendo que a média das meninas foi mais elevada neste fator. Tais resultados apontam que meninos desempenham, com maior frequência, atividades que contribuem para surgimento de comportamentos prazerosos com alta intensidade. Já as meninas desempenham, com maior frequência, atividades que demandam comportamentos relacionados à focalização de atenção.

6.3. Relação entre o envolvimento paterno, o temperamento das crianças e as variáveis sociodemográficas das famílias participantes

A Tabela 4 apresenta as correlações encontradas entre envolvimento paterno, temperamento infantil e as variáveis sociodemográficas elencadas *a priori*, por meio da Correlação de

Pearson (r). Este tópico responde aos objetivos específicos “relacionar as características do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-escolares” e “relacionar as características do envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares, com as variáveis sociodemográficas”.

Tabela 4 - Correlações entre envolvimento paterno, temperamento infantil e variáveis sociodemográficas.

Fatores do Temperamento Infantil	Variáveis Correlacionadas	Correlação de Pearson (r)
Extroversão	Controle com Esforço	-0,27**
	Afeto Negativo	-0,18*
	Punição	0,23**
Afeto Negativo	Anos de escolaridade do pai	-0,18*
	Estimulação a correr riscos	-0,20**
Controle com Esforço	Punição	-0,22**
	Jornada de Trabalho Semanal Paterna	-0,19*
Dimensões do Envolvimento Paterno	Variáveis Correlacionadas	Correlação de Pearson (r)
Cuidados diretos e indiretos	Jornada de Trabalho Semanal Paterna	-0,36**
	Suporte Emocional	0,24**
Suporte Emocional	Jornada de Trabalho Semanal Paterna	-0,17*
	Estimulação à perseverança	0,43**
Estimulação à perseverança	Estimulação a correr riscos	0,30**
	Anos de escolaridade do pai	0,19*
Punição	Estimulação a correr riscos	0,19*
	Número de Filhos	0,15*
	Suporte Emocional	-0,19*
Estimulação a correr riscos	Anos de escolaridade do pai	0,41**
Índice do Envolvimento Paterno	Variáveis Correlacionadas	Correlação de Pearson (r)
	Jornada de Trabalho Semanal Paterna	-0,31**

Envolvimento Paterno	Anos de escolaridade do pai	-0,24**
	Punição	0,16*
	Cuidados diretos e indiretos	0,70**
	Suporte Emocional	0,54**
	Estimulação à perseverança	0,62**
	Estimulação a correr risco	0,51 **

Nota: ** $p \leq 0,01$ (valores muito significativos); * $p \leq 0,05$ (valores significativos); ∴ índice geral do envolvimento paterno.

Sobre os fatores do temperamento infantil, a extroversão correlacionou negativamente com a variável sociodemográfica anos de escolaridade do pai ($r = -0,18$; $p \leq 0,05$), com os fatores do temperamento controle com esforço ($r = -0,27$, $p \leq 0,01$) e afeto negativo ($r = -0,18$, $p \leq 0,05$), e, correlacionou positivamente com a dimensão da abertura ao mundo punição ($r = -0,23$, $p \leq 0,01$) que se refere ao envolvimento paterno. Deste modo, quanto mais a criança apresentar comportamentos relacionados a focalização da atenção (controle com esforço), capacidade de ser acalmar (afeto negativo) e quanto maior for a escolaridade paterna, os comportamentos que envolvam prazer em alta intensidade (extroversão) na criança serão evidenciados em menor número. Outrossim, quanto mais o pai repreende a criança, os comportamentos de rápida iniciação de resposta serão realizados com maior frequência.

O afeto negativo correlacionou com apenas uma variável, a dimensão da abertura ao mundo estimulação a correr riscos ($r = -0,20$, $p \leq 0,01$). Assim sendo, quanto mais o pai estimula à autonomia da criança, os sentimentos de desconforto, tristeza e frustração (afeto negativo) serão identificados com menor frequência. O fator controle com esforço apresentou correlação com a variável sociodemográfica jornada de trabalho semanal do pai ($r = -0,19$, $p \leq 0,05$) e, punição ($r = -0,22$, $p \leq 0,01$). Portanto, quanto mais o pai repreende a criança e maior for sua jornada sua jornada de trabalho semanal, os comportamentos relacionados a focalização da atenção na criança (controle com esforço), são menos evidenciados.

Quanto às dimensões do envolvimento paterno, cuidados diretos e indiretos, correlacionou negativamente com a variável sociodemográfica jornada de trabalho semanal do pai ($r = -0,36$, $p \leq 0,01$) e, positivamente com a dimensão suporte emocional ($r = 0,24$, $p \leq 0,01$). Assim, quanto maior a jornada de trabalho semanal do pai menores serão os cuidados diretos e indiretos com a criança. Porém, quanto mais

o pai se envolve nos cuidados diretos e indiretos, maior será o suporte emocional oferecido a criança.

A dimensão do envolvimento paterno, suporte emocional, correlacionou negativamente com a variável sociodemográfica jornada de trabalho semanal do pai ($r = -0,17$, $p \leq 0,05$) e, positivamente com a dimensão da abertura ao mundo estimulação à perseverança ($r = 0,43$ $p \leq 0,01$). Deste modo, quanto maior a jornada de trabalho paterna menor será o suporte emocional oferecido a criança e, quanto mais o pai oferece suporte emocional ao filho(a), mais a criança irá superar seus limites e perseverar diante de adversidades.

A dimensão estimulação à perseverança correlacionou positivamente com a dimensão estimulação a correr riscos ($r = 0,30$ $p \leq 0,01$) e a variável sociodemográfica anos de escolaridade do pai ($r = 0,19$, $p \leq 0,05$). Portanto, quanto maior a escolaridade do pai e quanto mais o pai estimula à autonomia da criança, mais a criança explorará o ambiente.

A dimensão punição, correlacionou positivamente com a dimensão estimulação a correr riscos ($r = 0,19$, $p \leq 0,05$), com a variável sociodemográfica número de filhos(as) ($r = 0,15$, $p \leq 0,05$) e, negativamente com a dimensão suporte emocional ($r = -0,19$, $p \leq 0,05$). Assim, quanto mais o pai estimula à autonomia da criança, mais ele repreende a criança e, quanto maior o número de filhos(as), mais o pai repreende. Outrossim, quanto mais o pai repreende a criança, menor será o suporte emocional do pai para com a criança.

Por fim, a dimensão estimulação a correr riscos correlacionou positivamente com a variável sociodemográfica anos de escolaridade do pai ($r = 0,41$, $p \leq 0,01$). Portanto, quanto maior a escolaridade do pai, mais ele encoraja a criança a se envolver em atividades arriscadas.

Em relação ao índice geral do envolvimento paterno, este correlacionou negativamente com as variáveis sociodemográficas jornada de trabalho semanal do pai ($r = -0,31$, $p \leq 0,01$) e anos de escolaridade do pai ($r = -0,24$, $p \leq 0,01$) e, positivamente com as dimensões punição ($r = 0,16$, $p \leq 0,05$), cuidados diretos e indiretos ($r = 0,70$, $p \leq 0,01$), suporte emocional ($r = 0,54$, $p \leq 0,01$), estimulação à perseverança ($r = 0,62$, $p \leq 0,01$) e estimulação a correr risco ($r = 0,51$, $p \leq 0,01$). Deste modo, quanto maior a jornada de trabalho semanal do pai e sua escolaridade, menor será seu envolvimento com o(a) filho(a).

Outrossim, quanto mais o pai estimula a criança à explorar o ambiente, oferece suporte emocional, encoraja a se envolver em atividades arriscadas e se envolve nos cuidados com o(a) filho(a), maior será seu envolvimento.

6.3.1. Modelos preditivos do envolvimento paterno e do temperamento infantil

Após a verificação de correlação entre as variáveis, procedeu-se a criação dos Modelos de Regressão Linear Múltipla, para cada variável dependente (VD) em estudo. Faz-se necessário apontar que o Temperamento Infantil foi mensurado por meio das médias obtidas em cada fator componente desta variável. Isto é, os fatores que compõe o temperamento da criança são considerados variáveis dependentes deste estudo. Sendo assim, são consideradas variáveis dependentes: o índice geral do Envolvimento Paterno, a Extroversão, o Afeto Negativo e o Controle com Esforço.

Vale destacar que as variáveis sociodemográficas (variáveis independentes) utilizadas na composição de cada modelo foram: jornada de trabalho semanal do pai, anos de escolaridade do pai e sexo da criança. Justifica-se a utilização destas variáveis independentes (VI) por apresentarem correlações significativas com as dimensões e fatores das variáveis dependentes em estudo, como apresentado anteriormente na Tabela 4.

A Tabela 5 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente índice geral do Envolvimento Paterno e as três variáveis independentes.

Tabela 5 - Modelo de Regressão Linear Múltipla para o Índice Geral de Envolvimento Paterno

	Envolvimento Paterno			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	-0,01	-0,29	0,00	0,00
Anos de Escolaridade do Pai	0,01	0,19	0,06	0,00
Sexo da Criança	-0,80	-0,90	0,06	0,23

$R^2 = 0,135$

Significância do Modelo: $F(3) = 8,49$; $p \leq 0,01$

Nota: VD: Envolvimento Paterno; $p \leq 0,01$ (valores muito significativos).

O modelo explica 13,5% da variação do envolvimento paterno em relação as variáveis independentes. As variáveis jornada de trabalho semanal do pai ($p \leq 0,01$) e anos de escolaridade do pai ($p \leq 0,01$) apresentaram relações significativas com a variável dependente. Esse dado aponta que a variação do envolvimento paterno pode ser explicada por meio do poder preditivo destas variáveis. Deste modo, o modelo foi considerado como um modelo significativo para prever a variação do envolvimento paterno ($p \leq 0,01$).

A Tabela 6 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Extroversão, fator do temperamento infantil, e as três variáveis independentes.

Tabela 6 - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Extroversão

	Extroversão			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	0,00	0,07	0,00	0,27
Anos de Escolaridade do Pai	-0,02	-0,16	0,01	0,04
Sexo da Criança	-0,08	-0,05	0,12	0,08

$R^2 = 0,062$

Significância do Modelo: $F(3) = 3,63$; $p \leq 0,01$

Nota: VD: Extroversão; $p \leq 0,01$ (valores muito significativos); $p \leq 0,05$ (valores significativos).

O modelo explica 6,2% da variação do fator extroversão em relação as variáveis independentes. A variável anos de escolaridade do

pai ($p \leq 0,05$) apresentou relação significativa com a variável dependente. Esse dado aponta que a variação da extroversão pode ser explicada pelo poder preditivo do grau de escolaridade paterna. O modelo foi considerado como um modelo significativo para prever o fator extroversão ($p \leq 0,01$).

A Tabela 7 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Afeto Negativo, fator do temperamento infantil, e as três variáveis independentes.

Tabela 7- Modelo de Regressão Linear Múltipla para Afeto Negativo

	Afeto Negativo			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	-0,00	-0,10	0,00	0,18
Anos de Escolaridade do Pai	-0,02	-0,12	0,01	0,11
Sexo da Criança	0,11	0,06	0,14	0,42
$R^2 = 0,026$				
Significância do Modelo: $F(3) = 1,45$; $p > 0,05$				

Nota: VD: Afeto Negativo; $p > 0,05$ (valor não significativo).

O modelo explica somente 2,6% da variação do fator afeto negativo. As variáveis independentes do modelo, apesar de aumentarem as chances de explicar a variação da VD, não apresentam poder preditivo significativo na variação do fator afeto negativo. Este modelo não foi considerado um modelo significativo para prever o fator afeto negativo ($p > 0,05$).

A Tabela 8 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Controle com Esforço, fator do temperamento infantil, e as três variáveis independentes.

Tabela 8 - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Controle com Esforço

	Controle com Esforço			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	-0,01	-0,16	0,00	0,29
Anos de Escolaridade do Pai	-0,06	-0,44	0,10	0,55
Sexo da Criança	0,52	0,32	0,11	0,00
				R ² = 0,140
Significância do Modelo: F (3) = 8,93; p ≤ 0,01				

Nota: VD: Controle com Esforço; p ≤ 0,01 (valores muito significativos).

O modelo explica 14% da variação do fator controle com esforço. A variável sexo da criança (p ≤ 0,01) apresentou relação significativa com a variável dependente. Esse dado aponta que a variação do controle com esforço pode ser explicada pelo poder preditivo da variável sexo da criança. O modelo foi considerado como um modelo significativo para prever o fator controle com esforço (p ≤ 0,01).

Como foi possível verificar, os modelos preditivos apresentados não confirmaram a relação existente entre o temperamento da criança e o envolvimento paterno. Apenas, apontaram para o poder preditivo das variáveis sociodemográficas jornada de trabalho semanal paterna, anos de escolaridade paterna e sexo da criança, na variação dos fatores do temperamento infantil e do envolvimento paterno.

Deste modo, com o objetivo de verificar se as dimensões do envolvimento paterno e as variáveis sociodemográficas predizem o temperamento da criança, foram criados três Modelos de Regressão Linear Múltipla para os três fatores do temperamento infantil (VD). Vale destacar que o envolvimento paterno é considerado uma variável dependente nos modelos apresentados anteriormente, diferentemente dos modelos a serem explicitados. Nos modelos a seguir as dimensões que compõe o envolvimento paterno são consideradas variáveis independentes (VI).

A Tabela 9 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Extroversão, fator do temperamento infantil, com as oitos variáveis independentes: três variáveis sociodemográficas e as cinco dimensões do envolvimento paterno.

Tabela 9- Modelo de Regressão Linear Múltipla para Extroversão e Dimensões do Envolvimento Paterno

	Extroversão			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	0,00	0,07	0,00	0,40
Anos de Escolaridade do Pai	-0,03	-0,18	0,01	0,03
Sexo da Criança	-0,21	-0,12	0,14	0,11
Suporte Emocional	-0,04	-0,03	0,11	0,76
Cuidados diretos e indiretos	0,00	0,00	0,08	0,91
Estimulação à perseverança	-0,03	-0,02	0,12	0,78
Punição	0,18	0,17	0,08	0,03
Estimulação a correr riscos	0,07	0,09	0,07	0,31

R² = 0,108

Significância do Modelo: F (8) = 2,42; p≤0,01

Nota: VD: Extroversão; p≤0,01 (valores muito significativos); p≤0,05 (valores significativos).

O modelo explica aproximadamente 11% da variação do fator extroversão, quando relacionados as dimensões do envolvimento paterno. As variáveis independentes anos de escolaridade do pai (p≤0,05) e punição (p≤0,05) apresentaram relações significativas com a variável dependente. Esses resultados apontam que a variação do fator extroversão pode ser explicada pelo poder preditivo do grau de escolaridade do pai e pelos comportamentos paternos, de repreender e educar a criança. O modelo foi considerado como um modelo significativo para predizer o fator extroversão (p≤0,01).

A Tabela 10 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Afeto Negativo, fator do temperamento infantil, com as oito variáveis independentes: três variáveis sociodemográficas e as cinco dimensões do envolvimento paterno.

Tabela 10 - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Afeto Negativo e Dimensões do Envolvimento Paterno.

	Afeto Negativo			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	-0,00	-0,12	0,00	0,14
Anos de Escolaridade do Pai	-0,03	-0,20	0,01	0,81
Sexo da Criança	0,13	0,07	0,14	0,35
Suporte Emocional	0,16	0,12	0,12	0,20
Cuidados diretos e indiretos	-0,05	-0,05	0,08	0,53
Estimulação à perseverança	-0,10	-0,08	0,12	0,40
Punição	0,11	0,10	0,08	0,20
Estimulação a correr riscos	-0,16	-0,19	0,07	0,03

R² = 0,082

Significância do Modelo: F (8) = 1,77; p>0,05

Nota: VD: Afeto Negativo; p≤0,05 (valores significativos); p>0,05 (valores não significativos)

O modelo explica 8,2% da variação do fator afeto negativo, ao ser relacionado com as dimensões do envolvimento paterno. A variável independente estimulação a correr riscos (p≤0,05) apresentou relação significativa com a variável dependente. Mas, as variáveis independentes do modelo, apesar de aumentarem as chances de explicar a VD, não apresentam um peso considerado significativo para predizer o fator afeto negativo (p>0,05). O modelo não foi considerado como um modelo significativo para predizer o fator afeto negativo (p>0,05).

A Tabela 11 apresenta o Modelo de Regressão Linear Múltipla da variável dependente Controle com Esforço, fator do temperamento infantil, com as oito variáveis independentes: variáveis sociodemográficas e as cinco dimensões do envolvimento paterno.

Tabela 11 - Modelo de Regressão Linear Múltipla para Controle com Esforço e Dimensões do Envolvimento Paterno.

	Controle com Esforço			
	B	Beta	Erro Padrão	Sig.
Jornada de Trabalho Semanal do Pai	-0,00	-0,11	0,00	0,15
Anos de Escolaridade do Pai	-0,04	-0,20	0,01	0,73
Sexo da Criança	0,54	0,33	0,11	0,00
Suporte Emocional	0,08	0,07	0,10	0,41
Cuidados diretos e indiretos	0,07	0,08	0,07	0,29
Estimulação à perseverança	-0,10	-0,80	0,10	0,36
Punição	-0,15	-0,15	0,07	0,03
Estimulação a correr riscos	-0,24	-0,03	0,06	0,70

R² = 0,190

Significância do Modelo: F (8) = 4,66; p≤0,01.

Nota: VD: Controle com Esforço; p≤0,01 (valores muito significativos); p≤0,05 (valores significativos); p>0,05 (valores não significativos)

O modelo explica 19% da variação do fator controle com esforço, quando relacionado com as dimensões do envolvimento paterno. As variáveis independentes sexo da criança (p≤0,05) e punição (p≤0,05) apresentaram relações significativas com a variável dependente. Esses resultados apontam que a variação do fator controle com esforço pode ser explicada pelo poder preditivo da variável sexo da criança e, pela dimensão punição. O modelo foi considerado como um modelo significativo para prever o fator controle com esforço (p≤0,01).

7. DISCUSSÃO

A presente dissertação teve como objetivo principal analisar a relação entre o envolvimento paterno e o temperamento de crianças pré-escolares em famílias biparentais, e como objetivos específicos caracterizar as famílias participantes, ao que se refere às variáveis sociodemográficas, caracterizar o envolvimento paterno, caracterizar o temperamento infantil, relacionar as características do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-escolares, e, relacionar as características do envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares, com as variáveis sociodemográficas. A discussão será organizada de forma que os principais resultados de cada objetivo específico sejam retomados, assim como as hipóteses apresentadas *a priori*, a fim de responder ao objetivo geral.

7.1 Variáveis sociodemográficas: Famílias, Crianças e Contexto

As variáveis contextuais presentes no desenvolvimento da criança representam um aspecto central para compreender seu desenvolvimento. As interações dos indivíduos em desenvolvimento não são limitadas às pessoas, mas também aos diferentes contextos que o indivíduo está inserido. Assim, as variáveis contextuais do indivíduo influenciam as relações interpessoais, as atividades e as características sociais e simbólicas de cada membro da família (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

As famílias participantes, em sua maioria, são compostas por pai e mãe biológicos dos(as) filhos(as), com média de 2 filhos(as) por família e, residem principalmente em cidades da região metropolitana de Florianópolis. As crianças alvo tiveram média de idade de 5 anos. Tais dados constituem o microsistema familiar, no qual a família vive e se relaciona, e, representam o principal contexto de desenvolvimento das crianças alvo (Bronfenbrenner, 1996).

Os dados do último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que as famílias formadas pelo casal e filhos(as) são 49,4% da população brasileira (IBGE, 2010). O número de filhos(as) por família é em média de 1,90 filho(s), já com relação aos Estados do Sul do Brasil, a média é de 1,78

(IBGE, 2010). Assim, infere-se que a amostra investigada neste estudo se assemelha com tais dados, confirmando que as famílias estudadas se caracterizam como as demais famílias brasileiras, no que tange as variáveis elencadas.

A família é um conceito variável entre diferentes culturas e abrange diferentes definições (Carter & McGoldrick, 1995). O modelo de família nuclear ainda é dominante no contexto brasileiro, conforme os dados apresentados. Entretanto, as intensas transformações na concepção de família e no papel feminino enfraqueceram o modelo tradicional de família (Dessen, 2010). O papel de pai, ainda, é ligado ao pai tradicional, provedor e disciplinador. Porém, nas últimas décadas observa-se uma dinâmica paterna diferente, em que o pai emergente, aquele que se envolve com os(as) filhos(as) em várias esferas, faz-se presente (Bossardi & Vieira, 2015; Jablonski, 2010; Lewis & Dessen, 1999; Vieira et al., 2014).

Assim como as variáveis da família e contexto influenciam no envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as), as características paternas também são fatores que afetam esse envolvimento (Lamb, 1997). Nesse estudo, os pais participantes tem aproximadamente 38 anos e, em sua maioria, tem nível de escolaridade maior ou igual ao ensino superior completo. A idade paterna é uma variável que se relaciona com os cuidados prestados à criança. Para McBride et al., (2005), quanto maior a idade paterna menor são os cuidados dispensados para a criança. Os autores compreendem que esse fato pode estar relacionado a uma perspectiva mais tradicional da vida familiar. Porém, Lima (2005) aponta que quanto mais velhos são os pais, mais responsabilidade ele assume.

A escolaridade paterna está relacionada com diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, tais como desenvolvimento da linguagem, cognição e habilidades sociais. Assim, quanto maior o tempo de estudo do pai, menor é a possibilidade de a criança apresentar alterações do desenvolvimento (Scopel, Souza & Lemos, 2012). Ainda, quanto maior o acesso a informação, maiores índices de suporte nas atividades que envolvam cuidados diretos com a criança e, estimulação à aprendizagem cognitiva e social (Pimenta et al., 2010).

A jornada de trabalho paterna, foi em torno de 40 horas semanais. O trabalho paterno constitui o exossistema em que a criança não participa ativamente, porém é afetada por aquilo que acontece neste ambiente (Brofenbrenner, 1996). Família e trabalho são domínios

interdependentes, que se influenciam mutuamente (Roeters & Gracia, 2016). O aumento das horas de trabalho remunerado dos pais contribui para a diminuição da disposição para as atividades de cuidado das crianças (Roeters & Gracia, 2016), além de ter influência no envolvimento paterno, fator que repercute no desenvolvimento infantil (Gomes, Bigras & Crepaldi, 2013). Assim, a interação entre o microssistema “familiar” e o exossistema “trabalho paterno” pode ocasionar interações inibidoras do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996), caracterizadas por comportamentos externalizantes e internalizantes.

A jornada de trabalho paterna é considerada uma das principais variáveis que influenciam no envolvimento paterno (Vieira et al., 2014). A pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) assinalou que a jornada de trabalho dos homens brasileiros é em média de 46,1 horas semanais (IPEA, 2015). Os pais investigados, em sua maioria, têm jornada de trabalho menor em comparação a esse dado, apontando para uma possível explicação para a maior participação nos cuidados e interação com a criança, quando o tempo é considerado uma variável que se relaciona na interação pai e filho(a).

7.2 Envolvimento paterno: Pai e Criança em interação

O envolvimento paterno é caracterizado pela interação de três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade (Lamb, 1997). Ainda, a Teoria de Ativação, proposta por Paquette (2004a) e, que também fundamenta o presente estudo, ressalta que os pais que são mais afetivos, expõem regras e limites claros aos(as) filhos(as), em idade pré-escolar, proporcionam o desenvolvimento da autonomia, autoconfiança e responsabilidade. Neste estudo, foram utilizados dois questionários, a fim de investigar como os pais se envolvem e interagem com suas crianças. Agregando as dimensões de ambos os questionários o índice de envolvimento paterno obtido apontou que os pais participantes interagem e realizam tarefas com os(as) filhos(as) regularmente e/ou frequentemente.

Por meio desses achados é possível inferir que os pais investigados demonstram estar mais envolvidos com as atividades que se relacionam aos(as) filhos(as), ao realizá-las frequentemente,

apontando para uma maior participação paterna, quando relacionada com a paternidade tradicional (Balancho, 2004). A paternidade tradicional, marcada pela disciplina e autoridade, tem estado cada vez mais distante da dinâmica familiar atual (Vieira et al., 2014).

O envolvimento paterno tem aumentado substancialmente nas últimas décadas, o que acarreta mudanças na estrutura tradicional da família (Pimenta et al, 2012; Vieira et al., 2014). Os pais, assim como os investigados neste estudo, têm estado mais sensíveis e compreensíveis no compartilhamento dos cuidados relativos a criança, se envolvendo emocionalmente e em atividades lúdicas (Pimenta et al., 2012).

Ao que concerne as dimensões do envolvimento paterno, o suporte emocional foi a dimensão com maior média neste estudo. Igualmente, nas pesquisas de Bossardi (2011;2015), Bolze (2011) e Gomes (2011;2015) os pais apresentaram maior média nesta dimensão, ratificando que, nas últimas décadas, os pais tem se envolvido mais intensamente nos cuidados com os(as) filhos(as), interagindo de maneira mais intensa, com gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança, o que implica num maior envolvimento paterno (Bossardi, Bueno & Vieira, 2015).

Ao se investigar a abertura ao mundo, a dimensão estimulação à perseverança, foi a segunda maior média, o que permite compreender que os pais frequentemente encorajam a criança a cumprir tarefas difíceis, superar seus limites e perseverar diante de adversidades, assim como tomar a iniciativa do primeiro contato com uma criança desconhecida. Esse dado indica que os pais estão mais envolvidos na educação, socialização e assumindo os papéis de cuidado afetivo (Bossardi et al., 2016; Gomes, 2011; Lamb, 1997; Paquette, 2004a; Paquette & Dumont, 2013).

A dimensão cuidados diretos e indiretos indica que os pais costumam realizar os cuidados essenciais à sobrevivência como alimentar, vestir e dar banho no(a) filho(a), regularmente e/ou frequentemente. Esse resultado vai ao encontro dos dados obtidos pelo IBGE que remetem que a maior participação do homem em tarefas relacionadas a casa evidencia-se em Estados do Sul do Brasil (62%), e, que os homens mais escolarizados tendem a realizar mais tarefas relacionadas a casa e família (54%) (IBGE, 2007).

Historicamente, aos homens eram atribuídas as funções de proteger e prover o sustento da família. Com as modificações

socioculturais, ocorridas a partir da década de 70, o papel paterno passa a ser ampliado, deixando de ser apenas o provedor da família, mas, também o responsável pelo lar e pelos(as) filhos(as) (Jablonski, 2010). É possível entender que essas modificações socioculturais permitiram que o homem seja mais participativo e envolvido com a família e com o(a) filho(a), marcando uma transformação nas funções paternas, nos contextos nacional e internacional (Dessen, 2010; Lamb, 1997; Paquette & Dumont, 2013).

Nos resultados que se referem a abertura ao mundo, a dimensão estimulação a correr riscos, aponta que os pais, às vezes e/ou frequentemente, encorajam a sua criança se envolva em atividades arriscadas e oferecem autonomia para que ela explore o ambiente. Ao ser encorajada a assumir riscos físicos, o pai pode contribuir para que a criança desenvolva confiança em si e nos outros, e para a construção de sua autonomia (Paquette, 2004a).

Paquette e Bigras (2010) apontam que os pais tendem a estimular mais os meninos do que as meninas e, através de brincadeiras de “lutinhas” auxiliam a criança a lidar com o mundo externo e a socializar. No estudo de Backes (2015) essa constatação foi evidenciada, ao indicar que os pais tendem a estimular mais os meninos a participarem de atividades ou brincadeiras que sugerem algum risco. Tais dados divergem dos achados deste estudo, pois, apesar desta dimensão ser a segunda maior média no que diz respeito as dimensões da abertura ao mundo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o sexo das crianças.

Por fim, a dimensão punição obteve a menor média em relação às demais dimensões, o que permite compreender que os pais raramente e/ou às vezes punem ou repreendem a criança se ela desobedece, não se esforça ou quebra algo. Essa constatação vai ao encontro do estudo de Backes (2015) indicando que os pais têm punido menos o(a) filho(a). E, se difere dos achados de Gomes (2011) em que a punição obteve escores equiparados ao suporte emocional, bem como dos estudos de Bossardi (2011) e Bolze (2011), ao indicarem que os pais realizam mais disciplina com os meninos do que com meninas.

Um possível entendimento para esse resultado são os movimentos sociais, leis e estatutos que preveem comportamentos não violentos na criação dos(as) filhos(as), como a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990,

que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e, a recente Lei nº 13.010 de 26 de junho de 2014, conhecida como “Lei da Palmada”. A disciplina positiva é caracterizada por uma educação pautada em limites e regras estabelecidos de maneira empática, paciente e compreensiva (Aragão, Andrade & Santana, 2017).

Ademais é possível verificar que os pais têm se mostrado mais envolvidos em estabelecer limites empáticos, respeitando a individualidade do(a) filho(a). Além disso, disciplinar positivamente corresponde a reforçar os acertos da criança de maneira acolhedora e paciente, permitindo que a figura parental se conecte emocionalmente com o(a) filho(a) possibilitando o desenvolvimento do autocontrole e autodisciplina (Aragão, Andrade & Santana, 2017).

Vale destacar que as dimensões do envolvimento paterno não apresentaram diferenças estatisticamente significativas neste estudo no que concerne ao sexo da criança. Deste modo, não há como inferir que os pais se envolvem mais com meninos ou mais com meninas, ao que tange as dimensões, consideradas as esferas mais específicas de cuidado. Esse resultado diverge dos achados de Backes (2015) ao informar que a abertura ao mundo realizada pelo pai é maior em relação a meninos do que com meninas e, de Bolze (2011) em que o pai parece envolver-se mais com os filhos do que com as filhas.

As características da própria criança são consideradas variáveis que afetam o envolvimento do pai na vida do(a) filho(a) (Lamb, 1997). O temperamento é uma característica que influencia e sofre influência do contexto, dos aspectos genéticos e das figuras parentais (Cassiano, 2013; Martins et al., 2013; Schmidt, 2012) e, deve ser compreendido de maneira articulada considerando cada fator componente.

7.3 Temperamento infantil: Criança como foco

O temperamento consiste nas diferenças individuais com base constitucional na reatividade e autorregulação (Linhares et al., 2013; Rothbart, 2004). É uma variável que influencia e é influenciada pelo envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as) e, é considerada uma disposição comportamental que impulsiona, retarda ou evita o desenvolvimento, por meio da interação do indivíduo com o seu contexto (Brofenbrenner, 1996; Benetti et al., 2013). Ainda, no modelo psicobiológico de Rothbart, apresenta três fatores: controle com esforço, afeto negativo e extroversão.

Nesta pesquisa, o fator controle com esforço obteve maior média, indicando como verdadeiro os comportamentos relacionados a focalização da atenção e controle inibitório, nas crianças focais. Vale ressaltar, que este fator apresentou diferença estatisticamente significativa no que se refere ao sexo da criança. Assim como nas pesquisas de Else-Quest et al., (2006), Cosentino-Rocha e Linhares (2013) e Schmidt (2012) as meninas apresentam com maior frequência comportamentos relacionados ao controle de atenção.

Quanto menor é este índice, maiores são as possibilidades de as crianças apresentarem problemas afetivos e comportamento externalizantes (Linhares et al., 2013). Entretanto, crianças com níveis elevados de controle com esforço apresentam estratégias de enfrentamento mais adaptativas e, maiores níveis de regulação emocional (Crawford, Schrock & Woodruff-Borden, 2011). Na fase pré-escolar, como são caracterizadas as crianças deste estudo, índices maiores de controle com esforço são preditores de melhor autorregulação comportamental e mecanismos atencionais (Klein & Linhares, 2010).

Por sua vez, o fator extroversão teve a segunda maior média, o que indica que o cuidador compreende como nem verdadeiras nem falsas ou como razoavelmente verdadeiras as afirmações sobre comportamentos da criança vinculados ao prazer de alta intensidade, à impulsividade e ao nível de intensidade. Na fase pré-escolar as crianças interagem de maneira mais intensa com os pares, por meio de brincadeiras. O brincar na fase pré-escolar é caracterizado por interações sociais e exploração do mundo externo (Tognon, Dias & Dias, 2017) e, em sua maioria, envolvem comportamentos de respostas rápidas e atividade motora ampla.

Este fator apresentou diferença estatisticamente significativa no que se refere ao sexo da criança, apontando que os meninos apresentam com maior frequência comportamentos de prazer de alta intensidade, tal qual nos estudos de Cosentino-Rocha e Linhares (2013) e Else-Quest et al., (2006). E, diferentemente dos achados do estudo de Casalin et al., (2012) em que não foram evidenciadas diferenças significativas entre meninos e meninas, nos três fatores do temperamento. Cabe pontuar que as questões de gênero, neste estudo, foram verificadas em dois fatores do temperamento: controle com esforço e extroversão.

Entendimentos possíveis para estes resultados relacionam-se a idade das crianças focais e as brincadeiras realizadas com os pares. Brincadeiras de meninos na fase pré-escolar são, em sua maioria, brincar de carrinho, correr, pega-pega e lutinhas (Santos & Maio, 2012). Por outro lado, as brincadeiras de meninas são, em sua maioria, brincar de casinha e de boneca (Santos & Maio, 2012).

Ao analisar o conjunto de comportamentos envolvidos nas brincadeiras descritas acima, infere-se que nas brincadeiras de meninas, o prazer de baixa intensidade e focalização de atenção (dimensões presentes no fator controle com esforço) são recorrentes. Já em meninos o prazer em alta intensidade e impulsividade (dimensões presentes no fator extroversão) ocorrem com maior frequência. Assim, é possível inferir que tais resultados são, também, produtos da cultura em que a família está inserida e da relação que é estabelecida com o contexto de desenvolvimento e com as figuras parentais (Brofenbrenner, 1996).

Faz-se necessário retomar a hipótese 3: “O índice de controle com esforço será maior conforme a idade da criança e se apresentará com maior intensidade no gênero feminino”. Através dos resultados obtidos é possível confirmar que as meninas apresentaram maior escore no fator controle com esforço, assim como nos estudos de Cosentino-Rocha e Linhares, (2013), Else-Quest et al., (2006) e Schmidt (2012). Entretanto, quando relacionado a idade da criança, não foram encontradas relações estatisticamente significativas. Assim, a hipótese inicial foi parcialmente confirmada.

Os comportamentos relacionados à timidez e impulsividade são considerados disposições desorganizadoras do desenvolvimento e, que influenciam negativamente no controle regulatório (Narvaz & Koller, 2004). Índices elevados do fator extroversão estão associados a desfechos desenvolvimentais negativos e comportamentos externalizantes, como a agressividade em crianças (Rothbart et al., 2001). Como pontuou Schmidt (2012), dos três fatores componentes do temperamento, os estudos relacionados à extroversão são relativamente escassos, seguidos pelo afeto negativo. Por outro lado, o controle com esforço tem recebido maior atenção em trabalhos desenvolvidos sobre a temática.

Em última análise, o fator afeto negativo obteve a menor média entre os fatores, apontando que o cuidador não considera nem verdadeira nem falsa que as crianças focais apresentem comportamentos de medo, desconforto e frustração. Uma explicação possível para esse

resultado deve-se a idade das crianças focais. Comportamentos marcados por desconforto e frustração são comuns em crianças mais novas (Rothbart, 2004). Na fase pré-escolar a criança adquire uma plasticidade comportamental que permite a aquisição de novos comportamentos (Tognon, Dias & Dias, 2017). Assim, entende-se que a interação mais intensa com a figura paterna e o relacionamento com os pares, por meio das brincadeiras, possibilitam índices menores de comportamentos marcados por desconforto e tristeza.

Diferentemente dos demais fatores do temperamento não houve diferença estatisticamente significativa no que se refere ao sexo da criança. Entretanto, na revisão de literatura realizada por Cosentino-Rocha e Linhares (2013) e na pesquisa de realizada por Gomes (2015) foram encontrados resultados positivos no temperamento e na diferença de gênero, relacionados ao afeto negativo. Meninos apresentaram uma relação significativamente positiva em comportamentos retraídos (Pérez-Edgar et al., 2008) e, meninas que não possuíam alta capacidade de se aclamar, tinham dificuldades em atrair amizades com outras crianças (Gleason, Gower, Hohmann & Gleason, 2005).

Assim como o fator extroversão, os comportamentos relacionados a tristeza, raiva e desconforto são considerados disposições desorganizadoras do desenvolvimento, influenciando negativamente o desenvolvimento de reatividade motora, afetiva e sensorial (Narvaz & Koller, 2004; Rothbart, 2004). Além disso, índices altos desse fator em crianças pré-escolares predizem sintomas de internalização (Crawford et al., 2011).

Os comportamentos internalizantes são evidenciados pela disforia, ansiedade e retraimento, como tristeza, insegurança, medo e recusa escolar (Bolsoni-Silva, Marturano & Manfrinato, 2005; Pacheco et al, 2005). Por sua vez, os comportamentos externalizantes são marcados pela impulsividade, explosividade, agressão, agitação e características desafiantes (Alvarenga & Piccinini, 2007; Bolsoni-Silva et al., 2005; Pacheco et al., 2005) e, se relacionam com o baixo desempenho escolar, desatenção e hiperatividade na infância (Hinshaw, 1992). Esses comportamentos, quando apresentados em maior intensidade, dificultam as evoluções desenvolvimentais, privando a criança de interações com o ambiente e gerando conflitos nestas interações (Bolsoni-Silva et al., 2005).

Problemas de internalização são relacionados à manifestação de transtorno de humor e transtornos de ansiedade e, problemas de externalização são associados a transtorno de conduta e desafiador positivo (Pacheco et al., 2005). Assim, pondera-se que quanto menores os escores nos fatores extroversão e afeto negativo, que envolvem comportamentos relacionados a essas categorias, maiores são as chances de a criança desenvolver-se de maneira integral, interagindo com o ambiente e com os pares. Ademais, deve-se observar todas as variáveis desta relação, considerando os fatores ambientais no contexto de desenvolvimento da criança, como a cultura, família, figuras parentais e característica da própria criança.

7.4 Relação entre envolvimento paterno, temperamento infantil e variáveis sociodemográficas: Pai, Criança e Contexto

Relacionar o envolvimento paterno ao temperamento infantil é uma temática relativamente recente em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, no Brasil. As pesquisas que relacionam esses fenômenos são em sua maioria pesquisas internacionais, que investigam como o pai pode influenciar no temperamento da criança, considerando, ainda, as variáveis contextuais envolvidas. O temperamento, a paternidade e as variáveis contextuais são considerados aspectos centrais para compreender o desenvolvimento da família como um todo, e, especialmente os atributos de pessoa da criança em desenvolvimento (Brofenbrenner, 1996; Rothbart, 2004).

Os resultados mostraram que a extroversão, fator do temperamento que corresponde aos comportamentos relacionados ao nível de atividade, prazer em alta intensidade, impulsividade e timidez, apresentou relação com os demais fatores do temperamento - controle com esforço e afeto negativo, com a variável contextual escolaridade paterna e, com a punição, dentre as dimensões da abertura ao mundo. Em síntese, infere-se que quanto mais a criança apresentar comportamentos relacionados a focalização da atenção, reatividade decrescente e, quanto maior for a escolaridade paterna, menor serão os comportamentos impulsivos e de prazer em alta intensidade. Porém, quanto mais o pai repreender a criança, esses comportamentos serão apresentados com maior frequência.

Contribuindo com esses achados, por meio do modelo preditivo do fator extroversão, evidenciou-se que a escolaridade paterna possui

poder preditivo significativo na variação do nível de atividade, prazer em alta intensidade, timidez e impulsividade. Desse modo, compreende-se que o acesso à informação paterna atua como determinante para prever situações que envolvem comportamentos de rápida iniciação de resposta.

No estudo de Jansen et al., (2009) a escolaridade paterna foi uma variável relacionada a crianças com maiores escores de afeto negativo, na dimensão tristeza. Outrossim, o estudo aponta que o nível ocupacional pouco qualificado é relacionado ao temperamento caracterizado por maior nível de atividade, correspondente ao fator extroversão (Jansen et al., 2009). Entretanto, os resultados apontam que os comportamentos pertinentes a extroversão, quando relacionados a escolaridade paterna, reatividade decrescente (afeto negativo) e ao controle inibitório, ocorrerão com menor frequência. Além disto, os estudos de Komsí et al., 2008, Scopel, Souza e Lemos (2012) e Pimenta et al., (2010) apontam para melhoras nos desfechos desenvolvimentais quanto maior for a escolaridade paterna.

Destaca-se que o controle com esforço desempenha um importante papel na regulação emocional e comportamental das crianças. Baixos índices de controle com esforço apontam para comportamentos agressivos, com presença de raiva e frustração (Linhares et al., 2013). Assim, entende-se que o alto escore obtido neste fator, quando relacionado a extroversão, implica numa adaptação saudável na fase pré-escolar, em que há a exigência de comportamentos mais regulados.

Por outro lado, os resultados apontam que quanto mais o pai impõe limites à criança, punindo-a e/ou proibindo-a de fazer determinada atividade mais a criança apresenta comportamentos relacionados ao prazer em alta intensidade. O temperamento da criança é associado a interação das características do cuidado parental (Xu, Farver & Zhang, 2009). O cuidado paterno vinculado à rigidez, pressupõe maiores reações agressivas, caracterizadas como comportamentos externalizantes (Linhares et al., 2013). Crianças que apresentam com maior frequência problemas externalizantes estão em risco de rejeição pelos pares, familiares e ao fracasso escolar (Olson, Sameroff, Lunkenheimer & Kerr, 2009). Assim, compreende-se que o envolvimento do pai com o(a) filho(a), quando este apresenta

comportamentos externalizantes, pode ser prejudicado quanto mais frequente for a repreensão paterna.

Ainda, ao incluir a dimensão punição da abertura ao mundo, como uma variável independente neste modelo de regressão, constata-se que essa dimensão possui poder preditivo significativo para os comportamentos que se relacionam a esse fator. Entende-se, por fim, que os comportamentos paternos de impor regras e limites predizem a variação de comportamentos relacionados ao prazer de alta intensidade.

A partir desta constatação, torna-se relevante retomar a hipótese 4: “O pai mais envolvido com o(a) filho(a) possibilitará índices menores no fator extroversão”. Embora a dimensão da abertura ao mundo punição, apresente relação estatisticamente significativa com este fator e, valor preditivo significativo, não foi possível identificar uma relação bidirecional entre o envolvimento paterno e menores escores nesse fator. Pondera-se que o envolvimento paterno autoritário, disciplinador e com características repreensivas pode intensificar comportamentos externalizantes nas crianças, prejudicando seu desenvolvimento e a interação pai e filho(a). Assim, a hipótese foi refutada.

O afeto negativo é um dos primeiros aspectos do temperamento que surgem no desenvolvimento e, equivale aos comportamentos de desconforto, capacidade de se acalmar, medo, tristeza e frustração (Linhares et al., 2013). Neste estudo, tal fator apresentou o menor escore em comparação aos demais fatores do temperamento e, relação com a dimensão da estimulação a correr riscos, abertura ao mundo. Compreende-se que quanto mais o pai estimula a autonomia da criança, menor serão os seus sentimentos de tristeza e medo.

Por meio do modelo de regressão realizado sobre o fator afeto negativo, não foi possível encontrar poder preditivo entre as variáveis independentes e os comportamentos que se equiparam a este fator. Esse resultado permite inferir que o modelo não é significativo para prever o afeto negativo, quando relacionado ao sexo da criança, jornada de trabalho semanal e anos de escolaridade do pai.

A estimulação a correr riscos corresponde aos comportamentos do pai em interação com a criança, a fim de incentivar a criança a ter autoconfiança, explorar o ambiente e assumir riscos (Paquette, 2004b). Ao interagir de maneira a estimular a autonomia e tomada de decisões da criança, o pai permite que habilidades emocionais (Brown et al., 2009; Bayly & Garstein, 2013), comportamentais e sociais sejam desenvolvidas, o que favorece o desenvolvimento cognitivo, da

linguagem, socialização (Brown et al., 2009) e influencia na emocionalidade (como raiva e depressão) (Kitamura et al., 2015).

Ao incluir a dimensão estimulação a correr riscos, da abertura ao mundo, como uma variável independente neste modelo preditivo, constatou-se que essa dimensão possui relação significativa para os comportamentos que se relacionam nos comportamentos que compõe esse fator. Porém, apesar desta dimensão aumentar as chances de prever este fator, não apresenta poder preditivo significativo para prever o afeto negativo.

Outra hipótese testada foi a hipótese 4: “O pai mais envolvido com o(a) filho(a) possibilitará índices menores no fator afeto negativo”, constatou-se que quanto mais o pai está envolvido em dimensões específicas de envolvimento, como a estimulação a correr riscos, menores são os comportamentos de frustração, medo e desconforto (Schmidt, 2012). Entende-se que o pai ao estimular a autonomia da criança, além de auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais, influencia na maneira como a criança regula suas emoções (Brown et al., 2009; Kitamura et al., 2015). Pondera-se que, embora o resultado do modelo de regressão apresente poder preditivo não significativo, a relação existente entre o afeto negativo e estimulação a correr risco possibilita desfechos desenvolvimentais positivos para a criança. Portanto, a hipótese foi confirmada.

O controle com esforço, fator do temperamento que concorda com comportamentos de controle inibitório, aproximação e antecipação, focalização de atenção, e prazer de baixa intensidade, obteve a maior média em relação aos demais fatores do temperamento e, apresentou relação com a variável jornada de trabalho semanal paterna e com a dimensão punição. Entende-se que quanto mais o pai repreende a criança e, maior for sua jornada de trabalho semanal, menor serão os comportamentos relacionados ao controle inibitório e focalização da atenção.

Cabe recordar, como explanado na seção anterior, que maiores índices de controle com esforço foram evidenciados em crianças do sexo feminino, apontando que meninas realizam com maior frequência atividades e comportamentos que exigem focalização de atenção e prazer em baixa intensidade (Cosentino-Rocha & Linhares, 2013; Else-Quest et al., 2006; Schmidt, 2012). Corroborando com esse resultado, o

modelo preditivo sobre o controle com esforço, apresentou poder preditivo significativo para o sexo da criança. Em vista disso, o sexo da criança prediz a variação do índice de controle com esforço.

O tempo dispendido em interação com a criança e a jornada de trabalho semanal do pai, são considerados fatores moderadores do temperamento infantil (Brown et al., 2011; Kochanska & Kim, 2014). Estudos apontam que pais que passam pouco tempo em interação com a criança e/ou são menos sensíveis, aumentam as chances das crianças apresentarem dificuldades nas interações sociais e problemas emocionais (Brown et al., 2009). No estudo de Lee et al., (2013) constataram relações bidirecionais entre pais autoritários e crianças com temperamento que evidenciam baixo escores de controle de esforço. Assim, o temperamento da criança parece ser influenciado pelo tempo e estilo de interação entre pai e filho(a) (Potapova, Gartstein & Bridgett, 2014; Seabra-Santos & Almeida, 2014).

Ademais, ao considerar a dimensão punição, da abertura ao mundo, como uma variável independente neste modelo preditivo, verificou-se que essa dimensão possui valor preditivo para os comportamentos que se relacionam ao controle com esforço. Dessa maneira, pensa-se que os comportamentos paternos de impor regras e limites predizem a variação dos índices de controle com esforço.

O fator controle com esforço exerce forte influência no comportamento e na emoção da criança, especialmente nos últimos anos da infância (Rothbart, 2004) e, este é o fator do temperamento que controla o impacto negativo dos outros fatores (Gracioli & Linhares, 2014). Na etapa pré-escolar é esperado que este fator esteja mais organizado, visto que a regulação da atenção ocorre nesta fase (Gracioli & Linhares, 2014).

Os traços do temperamento são relacionados com problemas de comportamento e emocionais na criança, e, na fase pré-escolar é possível verificar a relação direta entre temperamento e comportamento, por meio dos processos de regulação da atenção e dos comportamentos da criança (Olson et al., 2009). Entende-se que quanto mais sensível for o envolvimento do pai e o tempo dispendido em interação com o(a) filho(a), maiores as chances de a criança regular seu comportamento e suas emoções.

Na hipótese 2 “Quanto maior a jornada de trabalho do pai, menor será o tempo investido com a criança, afetando negativamente no desenvolvimento do temperamento do(a) filho(a)”, essa analogia foi

confirmada, ao verificar relação entre a jornada de trabalho semanal paterna e o controle com esforço. Este fator modula o impacto negativo dos demais fatores do temperamento no desenvolvimento infantil (Gracioli & Linhares, 2014). Compreende-se que quanto menor o convívio, o tempo e a qualidade de interação entre pai e filho(a), maiores são os comportamentos externalizantes e internalizantes, que se relacionam aos fatores extroversão e afeto negativo, respectivamente.

Ao referir-se ao envolvimento paterno, a dimensão cuidados diretos e indiretos, que corresponde aos cuidados essenciais à sobrevivência como alimentar, vestir e dar banho, apresentou relação com a jornada de trabalho semanal paterna e suporte emocional. Entende-se que quanto maior a jornada de trabalho semanal do pai menores serão os cuidados diretos e indiretos com a criança. Porém, quanto mais o pai se envolve nos cuidados básicos maior será o suporte emocional oferecido a criança.

O tempo em que o pai está disponível para o(a) filho(a) é influenciado pelas exigências do ambiente de trabalho e pelas condições do trabalho, o que afeta a rotina familiar e cuidados relacionados ao(a) filho(a) (Cia & Barham, 2009; Silva & Piccinini, 2007). O estudo de Gracia e Kalmijn (2016) apontou que os pais possuem maior envolvimento nas atividades relativas aos(as) filhos(as), quando suas companheiras trabalham no turno da noite. Ainda, pode-se considerar que quanto maior as horas de trabalho, menor é a disposição paterna em atividades de cuidado com as crianças (Roeters & Gracia, 2016).

Por outro lado, os resultados evidenciaram que os cuidados dispendidos à criança favorecem a ligação emocional do pai para com o(a) filho(a). O suporte emocional paterno vem sendo evidenciado nas últimas décadas, por meio das mudanças sociais que ocorreram nas dinâmicas familiares (Bolze, 2011; Bossardi, 2011, 2015; Gomes, 2011, 2015). Assim, ao interagir de maneira mais próxima e cotidiana com o(a) filho(a), o pai realiza com maior frequência gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança.

Ainda nesta direção, o suporte emocional também apresentou relação com a jornada de trabalho semanal paterna, assinalando que quanto maior a jornada de trabalho paterna, menor será o envolvimento emocional dispendido com a criança. Pondera-se que a jornada de trabalho e o tempo que o pai fica com sua criança influencia a maneira

como o pai participa, interage na vida familiar e, se envolve emocionalmente com o(a) filho(a) (Gomes, 2011; Gomes, Brigas & Crepaldi, 2013).

Verificou-se, que quanto maior o suporte emocional que o pai oferece ao(a) filho(a), mais a criança irá explorar o ambiente. Ao se envolver de maneira mais sensível com a criança, entende-se que o pai a encoraja a cumprir tarefas difíceis, superar seus limites e iniciar interação sociais com crianças desconhecidas (Paquette, 2004b). O pai que estimula a perseverança é considerado mais amável e preocupado em ajudar os(as) filhos(as) a superarem limites (Silva, 2017), auxiliando no desenvolvimento de habilidades sociais.

A estimulação à perseverança, que corresponde aos comportamentos paternos que estimulam e encorajar a criança a cumprir tarefas difíceis, superar seus limites, convidá-la a explorar o ambiente e tomar a iniciativa do primeiro contato com uma criança desconhecida, apresentou relação com a dimensão estimulação a correr riscos e anos de escolaridade paterna. Assim, quanto mais o pai estimula a autonomia da criança para ela explorar o ambiente e, quanto mais o pai tem acesso a informação, mais frequentes serão os comportamentos de superar limites. Corroborando com esses resultados, o estudo de Backes (2015) verificou que quanto maior a escolaridade do pai, mais ele estimula a criança a ter perseverança.

Ainda, a dimensão estimulação a correr riscos também apresentou relação com os anos de escolaridade paterna, apontando que quanto mais escolarizado é o pai, mais a criança apresentará comportamentos de autonomia e para explorar o ambiente. Pondera-se que com o maior acesso a informação, mais o pai compreende a importância de estimular a autonomia, a socialização, o desenvolvimento da linguagem e cognição e incentivar a criança a não desistir de atividades mesmo que apresentam algum risco (Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008; Pimenta et al., 2010; Scopel et al., 2012). Portanto, quanto mais o pai estimula a perseverança no(a) filho(a), mais ele abre a criança ao mundo (Backes, 2015; Paquette, 2004b).

Também, a dimensão punição, que corresponde aos comportamentos paternos de repreender e dar limites, apresentou relação com a estimulação a correr riscos. Igualmente, a pesquisa de Backes (2015) indica que à medida que o pai estimula a criança a correr riscos, ele também estabelece disciplina. Gottman e De Claire (1997)

apontam que os pais que não impõem limites ou não procuram orientar o comportamento de sua criança, aumentam as chances do(a) filho(a) apresentar dificuldades para concentra-se e em relacionar-se com os pares.

Compreende-se, que a punição obteve o menor escore em relação as demais dimensões de envolvimento, o que indica que o pai tem estado mais envolvido em dimensões que envolvam cuidado e suporte emocional do(a) filho(a), impondo limites seguros e razoáveis de maneira sensível e respeitosa (Mondin, 2008). Ainda, os pais mais afetuosos proporcionam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança (Paquette, 2004b).

A variável número de filhos(as), apresentou relação apenas com a dimensão punição. Pondera-se que quanto maior o número de filhos(as), mais o pai proporciona a criança limites e referências estabelecidas pela educação. Deste modo, ao mesmo tempo em que o pai estimula à criança, impõe também limites e disciplina (Bossardi, 2015). Entretanto, não foram encontradas relações estatisticamente significativas em relação ao número de filhos(as) e o envolvimento paterno. Diferentemente do que pontua Paquette et al., (2000) que quanto maior o número de filhos(as), menor será o envolvimento paterno nas dimensões de cuidado e suporte emocional.

O índice geral de envolvimento paterno apresentou relação com todas as dimensões da abertura ao mundo e do engajamento paterno e, ainda, com as variáveis sociodemográficas jornada de trabalho semanal e anos de escolaridade do pai. Corroborando com esses resultados, o modelo preditivo do envolvimento paterno apontou que a jornada de trabalho e os anos de escolaridade do pai são fatores que predizem a variação do envolvimento paterno na vida dos(as) filhos(as).

Os resultados apontam que quanto maior a jornada de trabalho semanal do pai e sua escolaridade, menor será seu envolvimento com o(a) filho(a). O pai contemporâneo tem como desafio conciliar o trabalho e a paternidade (Santos, 2016), pois o ambiente de trabalho por vezes impõe restrições nesta interação, diminuindo o tempo de convivência entre ambos. Os estudos de Beltrame e Botolli (2010) e Gomes (2011) assinalam que quanto maior a jornada de trabalho do pai, menos envolvido ele é com o(a) filho(a), resultados semelhantes aos desta pesquisa.

Os cargos de maior prestígio, que requerem maiores níveis de escolaridade, assim como turnos de trabalho, contribuem no aumento do tempo passado fora do ambiente familiar (Cia & Barham, 2009; Grzybowski & Wagner, 2010; Souza & Benetti, 2009). Fraenked e Capstick (2016) apontam que o estresse do ambiente de trabalho do homem pode diminuir a sua disponibilidade e energia de interagir com o(a) filho(a). Esses fatores comprometem o envolvimento paterno, pois quanto mais horas o pai passa em interação com a(a) filho(a), melhor será seu envolvimento. Diferentemente dos achados desta pesquisa, com relação a escolaridade paterna e o índice geral de envolvimento paterno, estudos apontam que quanto maior o grau de escolaridade dos pais, mais o pai interage e participa dos cuidados com o(a) filho(a) (Grzybowski & Wagner (2010); Monteiro et al., (2006); Silva & Aiello, 2009) e, melhor é o estímulo e o grau de desenvolvimento da linguagem das crianças (Scopel et al., (2012).

Cabe pontuar que, em algumas dimensões específicas do envolvimento paterno e dos fatores do temperamento infantil, a escolaridade paterna apresentou relação estatisticamente positivas. Infere-se que em dimensões específicas de cuidado, a escolaridade paterna auxilia o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais da criança. Porém, quando relacionada ao índice geral de envolvimento paterno prediz menor envolvimento e interação com o(a) filho(a). Assim, acredita-se que a jornada de trabalho semanal paterna pode ser considerada uma variável interveniente nesta relação, pois quanto maior a escolaridade paterna maiores as exigências no ambiente profissional e, conseqüentemente menor tempo de convivência com a criança.

Outrossim, a hipótese 1: “O maior envolvimento será evidenciado em pais que tiverem maior escolaridade”, foi parcialmente confirmada. Foi possível verificar que em dimensões específicas da abertura ao mundo (estimulação à perseverança e estimulação a correr riscos) e no fator do temperamento (extroversão), o pai mais escolarizado possibilitou melhores desfechos desenvolvimentais (Komsí et al., 2008). Assim, acredita-se que o acesso a informação paterna permite que o pai se envolva de maneira mais intensa e possibilite o desenvolvimento de habilidades comportamentais, relacionadas aos fatores do temperamento infantil.

Vale destacar que não foram encontradas relações estatisticamente significativas com relação a idade do pai e o

envolvimento paterno. Esse dado corrobora com os achados de Souza e Benetti (2009) que apontam que a idade do pai não interfere no envolvimento paterno. Divergindo do que apontam Broger e Zeni (2011) e Paquette et al., (2000) que quanto maior a idade, melhor será seu envolvimento e mais o pai realizará abertura ao mundo. Por conseguinte, a hipótese 1 “O maior envolvimento será evidenciado em pais que tiverem maior idade”, foi refutada.

Como apresentado, verificou-se que o índice de envolvimento paterno apresentou relação com todas as dimensões do envolvimento paterno e da abertura ao mundo. Infere-se, desta maneira, que quanto mais o pai interage e convive com o(a) filho(a) maior será seu envolvimento em todas as esferas do desenvolvimento da criança. Outrossim, quanto mais o pai estimula a criança a explorar o ambiente, oferece suporte emocional, encoraja a se envolver em atividades arriscadas, envolve-se nos cuidados com o(a) filho(a), preocupando-se em estabelecer regras e limites de maneira terna, maior será seu envolvimento e, conseqüentemente, melhor será o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança.

Na relação entre pai e filho(a) ocorrem interações que podem promover a aquisição de habilidades ou inibir o controle de diferentes domínios do desenvolvimento (Brofenbrenner, 1996; Bueno et al., 2015). As características biológicas, sociodemográficas, fatores contextuais, ambientais e o comportamento do pai influenciam diretamente em aspectos comportamentais e relacionados ao temperamento das crianças (Flouri & Malmberg, 2010). Portanto, diferentes fatores interferem na maneira como o pai interage com a criança o que determinará o conteúdo e a intensidade desse envolvimento (Bueno et al., 2015).

A fase pré-escolar é a etapa do desenvolvimento da criança em que essa adquire novas competências linguísticas, cognitivas e de socialização, o que permite uma interação mais ativa com a família, com os pares e com a figura paterna (Monteiro et al., 2010). Na pesquisa de Tudge et al., (2000) constatou-se que os pais passam mais tempo com o(a) filho(a) na fase pré-escolar. Compreende-se que, nesta idade, a criança demonstra maior abertura nas relações, além da relação com a mãe. Assim, a relação e a interação do pai com a criança tende a ser mais ativa quando a criança é mais velha (Lamb et al., 1985).

Os contextos de vida do indivíduo podem influenciar e/ou serem influenciados pela pessoa em desenvolvimento (Benetti et al., 2013). No estudo de Cauce et al., (2011), verificou-se que as normas culturais sobre a relação pai e filho(a) são importantes para a adesão do pai nas responsabilidades com a família. As percepções positivas paternas sobre o(a) filho(a), são associadas as normas culturais sobre o papel do homem e paternidade. Entende-se que a cultura exerce influência direta na maneira e intensidade em que o pai interage e se relaciona com a criança (Bronfenbrenner, 1999; Bueno et al., 2015).

No estudo de Feldman e Klein (2003), o pai é considerado o agente de socialização dos(as) filhos(as). Os pesquisadores apontam que as crianças se apresentavam mais envolvidas emocionalmente com os pais, do que com as mães. Reforçando esses achados, Verschueren e Marcoen (1999) apontam que as crianças que apresentaram melhor competência socioemocional e relacionamento com pares, possuíam um relacionamento seguro e afetuoso com o pai. Entende-se que quanto o pai mais interage com o(a) filho(a), mais ele proporciona o desenvolvimento de um apego seguro, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais (Brown et al., 2009).

Ademais, Bronfenbrenner (1996) aponta que as características da própria criança afetam a forma que o pai interage e, podem auxiliar a compreender a variabilidade do envolvimento. O autor reconhece a relevância dos aspectos genéticos e das características da pessoa como variáveis que influenciam no seu desenvolvimento e, conseqüentemente na maneira como se relaciona com os demais. Na teoria bioecológica do desenvolvimento, o temperamento infantil é compreendido como uma disposição, que motiva e sustenta as formas de interação direta (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bueno et al., 2015; Narvaz & Koller, 2004).

Ressalta-se que não foram verificadas relações estatisticamente significativas entre o índice de envolvimento paterno e os fatores do temperamento infantil. Entretanto, as dimensões específicas do envolvimento (relativas a abertura ao mundo) apresentaram relações estatisticamente significativas, apontando para desfechos desenvolvimentais saudáveis quando relacionadas. Pode-se compreender que a qualidade e/ou a intensidade da relação pai criança não está associada a quantidade geral do envolvimento, mas com um conjunto particular de envolvimento (Lamb, Frodi, Hwang & Frodi, 1983). Sugere-se que o pai ao envolver-se de maneira mais ativa nos

cuidados com o(a) filho(a), possibilita interações mais afetuosas, facilitando o desenvolvimento de capacidades e habilidades desenvolvimentais.

À vista disso, o impacto do envolvimento paterno sobre o desenvolvimento da criança é evidenciado, também, em domínios particulares do desenvolvimento, aspectos que se relacionam aos fatores do temperamento infantil. Na revisão realizada por Santis e Barham (2017) foram encontradas relações negativas entre o envolvimento paterno e a frequência de dificuldades da criança. Os estudos de Bronte-Tinkew et al. (2006), Cia e Barham (2009), Cia, Barham e Fontaine (2010), Formoso et al. (2007), Freeze et al. (2014) e Ramchandani et al. (2013) apontaram que os comportamentos externalizantes e internalizantes, como a depressão e a hiperatividade, estão associados ao baixo envolvimento paterno.

Considera-se que apesar dos autores não relacionarem esses achados com os fatores do temperamento infantil, os domínios em que as crianças apresentaram dificuldades desenvolvimentais são relacionados aos fatores afeto negativo e extroversão. Pode-se compreender que o envolvimento do pai na vida das crianças contribui de modo significativo para a assertividade, controle da raiva as relações com pares, desempenho escolar e ajustamento social (Lamb, 1997; Paquette, 2004a, 2004b). Portanto, o pai exerce influência mais intensa em aspectos específicos relacionados ao temperamento da criança, como a socialização e regulação do humor.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação permitiu compreender a relação entre envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares. Os achados do estudo contribuem com a ampliação da literatura, visto que a temática é incipiente em publicações nacionais e permitem que discussões e novas pesquisas sejam realizadas em estudos sobre o desenvolvimento infantil. Foi possível concluir que o envolvimento do pai na vida dos(as) filhos(as) tem repercussões em domínios específicos do desenvolvimento, especialmente em comportamentos que se relacionam aos fatores do temperamento infantil.

No que se refere ao envolvimento paterno, o pai parece estar mais envolvido nos cuidados dos(as) filhos(as) e o grau desse envolvimento varia com as dimensões específicas. Dentre essas o pai mostra-se mais comprometido em proporcionar suporte emocional, estimulação à perseverança, cuidados diretos e indiretos e estimulação a correr riscos. Esses resultados são considerados positivos à medida em que essa interação é associada a melhores desfechos desenvolvimentais. O pai parece estar menos envolvido em aspectos relacionados a punição, indicando que tem repreendido e punido menos o(a) filho(a), envolvendo-se de forma emocionalmente mais intensa com a criança. Ademais, não foram evidenciadas diferenças no envolvimento do pai conforme o sexo da criança, o que indica que o pai interage de maneira semelhante com seu filho e sua filha.

Com relação ao temperamento infantil, os resultados deste estudo sugerem que as crianças apresentaram altos índices de controle com esforço. Entretanto, conforme o sexo da criança comportamentos relacionados a determinados fatores são evidenciados com maior frequência. Os comportamentos relacionados a focalização da atenção, componente do fator controle com esforço, apresentaram-se com maior constância em meninas e, comportamentos de prazer em alta intensidade, componentes do fator extroversão, em meninos.

O sexo da criança e os comportamentos paternos de impor regras e limites são considerados fatores que predizem a variação de comportamentos relacionados a focalização da atenção (controle com esforço). A escolaridade do pai e os comportamentos paternos relativos a punição são fatores que determinantes para predizerem comportamentos de rápida iniciação de resposta (extroversão). A estimulação a correr riscos apesar de aumentar as chances da variação

de comportamentos relacionados a tristeza e desconforto (afeto negativo) não é significativo para prever essa variação.

As questões relacionadas ao gênero podem ser compreendidas como consequência da cultura e do contexto em que a família está inserida. Portanto, tais resultados apontam para comportamentos socialmente esperados. Já, os comportamentos que expõem desconforto e medo, componentes do fator afeto negativo, são evidenciados de maneira semelhante entre meninos e meninas, o que se difere de pesquisas que relacionam o gênero e os comportamentos da criança.

O temperamento, quando associado a altos índices de impulsividade e agitação, pode ocasionar dificuldades na evolução desenvolvimental, associado a transtornos de conduta. Outrossim, o temperamento relacionado a altos índices de retraimento e tristeza, aponta para transtornos de ansiedade e de humor. Entretanto, o fator controle com esforço exerce forte influência no comportamento, na emoção e na modulação dos demais fatores do temperamento. Portanto, o temperamento da criança se relaciona com diferentes áreas do desenvolvimento infantil e, quando relacionado a índices elevados de comportamentos externalizantes e internalizantes, aponta para possíveis transtornos psicológicos.

Fatores contextuais afetam a maneira como o pai envolve-se e cuida do(a) filho(a). Neste estudo, verificou-se que a jornada de trabalho semanal paterna, os anos de escolaridade do pai e o sexo da criança são fatores preditores da relação entre envolvimento paterno e temperamento infantil. A punição, dimensão do envolvimento paterno, e o sexo da criança predizem a variação do índice de controle com esforço. A escolaridade paterna e a punição predizem a variação de comportamentos relacionados ao fator extroversão. E, a estimulação a correr risco, apesar de aumentar as chances da variação do fator afeto negativo, não apresenta valor preditivo significativo.

O maior nível de escolaridade paterna é relacionado a melhores desfechos em domínios específicos do desenvolvimento infantil, como a linguagem, socialização e cognição. O acesso a informação permite que o pai compreenda o papel que exerce na educação da criança, especialmente nos fatores componentes do temperamento infantil. Porém, quanto maior a escolaridade paterna mais exigências o pai sofrerá do seu ambiente de trabalho.

Visto isso, a jornada de trabalho semanal paterna é um fator que afeta o tempo dispendido em interação com a criança, aumentando as chances de a criança apresentar dificuldades em interações sociais e problemas emocionais. A presença e disponibilidade do pai, na fase pré-escolar, auxilia na aquisição de habilidades e competências. À medida em que aumentam as chances das crianças socializarem com os pares, terem habilidades de regular sua emoção e, conseqüentemente um melhor desempenho na fase escolar.

Os resultados deste estudo sugerem que a relação existente entre envolvimento paterno e temperamento de crianças pré-escolares reside em domínios específicos do desenvolvimento, como a socialização e a regulação do humor. A relação pai e filho(a) contribui de modo significativo em esferas específicas do seu desenvolvimento, como menores índices de hiperatividade e problemas de comportamento, maior repertório de habilidades sociais e na linguagem. Esses aspectos se relacionam diretamente com os fatores do temperamento infantil e, quando associados ao envolvimento sensível do pai em interação com o(a) filho(a) possibilitam avanços desenvolvimentais significativos. Portanto, a relação do envolvimento paterno com o temperamento de crianças pré-escolares reside na variação das dimensões específicas e, das variáveis sociodemográficas, quais sejam jornada de trabalho semanal paterna e anos de escolaridade paterna.

Dentro das limitações desta pesquisa cita-se o instrumento “Questionário de Abertura ao Mundo” (em processo de validação no Brasil), ao que concerne a dimensão punição. Os itens desta dimensão investigam os comportamentos paternos de punir e repreender o(a) filho(a) quando este desobedece ou quebra algo. Entretanto, considera-se que a disciplina é o fator essencial na dinâmica relacional pai-filho(a) e no desenvolvimento infantil. Assim, aponta-se para a necessidade de haver a diferenciação entre disciplina e punição em pesquisas futuras. Além disto, as temáticas que circundam os questionários aplicados envolvem aspectos que denotam deseabilidade social, apontando para a necessidade de uma avaliação deste fator para melhor controlar os resultados.

Ainda, como dificuldade aponta-se para a escassez de estudos relacionando a temática investigada. Estudos brasileiros acerca do temperamento infantil são focados na relação entre a mãe e a criança, em fases mais primárias do desenvolvimento infantil. A mãe, ainda, é considerada a principal figura parental respondente acerca do

comportamento infantil e, a que possui maior influência em domínios específicos do desenvolvimento. Ao encontro desse entendimento, nesta pesquisa as mães foram as responsáveis por responderem acerca do temperamento do(a) filho(a), devido sua presença intensa no dia-a-dia com a criança. Esse fato aponta para a necessidade de compreender o entendimento paterno sobre o temperamento do(a) filho(a).

Sugere-se que, em pesquisas futuras o pai seja o principal respondente sobre o temperamento da criança. Uma compreensão multidimensional do temperamento da criança, oferecida pelo próprio pai, permite verificar como o pai compreende e analisa o temperamento do(a) filho(a). Ademais, sugere-se a combinação de diferentes formas de acessar esse fenômeno: questionários e observação direta da relação pai e filho(a). Além disso, sugere-se investigar a influência da cultura e do gênero da criança no temperamento, pesquisas longitudinais sobre o temperamento da criança permitem avaliar de que maneira os fatores contextuais e a relação entre pai e filho(a) podem afetar na trajetória desenvolvimental da criança.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 314-323. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200018>
- Aragão, M., Andrade, M. N. S., & Santana, A. A. (2017). Disciplina positiva: possibilidades para repensar os castigos escolares no contexto da educação infantil. *Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional*, 10(1), 1-16.
- Aviram, I., Atzaba-Poria, N., Pike, A., Meiri, G., & Yerushalmi, B. (2015). Mealtime dynamics in child feeding disorder: the role of child temperament, parental sense of competence, and paternal involvement. *Journal of Pediatric Psychology*, 40(1), 45-54. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsu095>
- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Balancho, L. S. F. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386.
- Bayly, B., & Garstein, M. (2013). Mother's and father's reports on their child's temperament: does gender matter? *Infant Behavior and Development*, 36, 171-175. <http://dx.doi.org/10.1016/j.infbeh.2012.10.008>
- Beltrame, G. R. & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Revista do Departamento de Ciências Humano e do Departamento de Psicologia*, 32. 205-226. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.1380>

- Benetti, I. C., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2013). Fundamentos da teoria bioecológicas de Urie Brofenbrenner. *Pensando Psicologia*, 16, 90-99. <https://doi.org/10.16925/pe.v9i16.620>
- Bolsoni-Silva, A. T., Marturano, E. M., & Manfrinato, J. W. S. (2005). Mães avaliam comportamentos socialmente “desejados” e “indesejados” de pré-escolares. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 245-252. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200011>
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e qualidade de relacionamento conjugal de pais com crianças de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a personality development factor in men. *Spanish Journal of Psychology*. 10(1), 82-90. <http://dx.doi.org/10.1017/S1138741600006338>
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bossardi, C. N. (2015). *Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2015). Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In: E. R. Goetz & M. L. Vieira. *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. (pp.15-30). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2015). Interação do pai com seus filhos e filhas. In: E. R. Goetz & M. L. Vieira.

- Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades.* (pp.77-93). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C.N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2016). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. V. Zucoloto (Eds). *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças da família* (pp. 81-100). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., Souza, C. D., Bolze, S. D. A., Gomes, L., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & Paquette, D. (no prelo). *Adaptação transcultural e validação do Questionário de Engajamento Paterno*. Artigo Submetido.
- Bossardi, C. N., Souza, C. D., Kaszubowski, E., & Vieira, M. L. (no prelo). *Adaptação e Validação Transcultural do Questionário de Abertura ao Mundo*. Artigo submetido.
- Braga, E. R. M. (2010). Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à pedagogia. In E. J. G. Carvalho & R. C. Faustino. *Educação e diversidade cultural* (pp. 205-218). Maringá: Eduem.
- Broger, B., & Zeni, M. B. (2011). Fathers' coping mechanisms related to parenting a chronically ill child: Implications for advanced practice nurses. *Journal of Pediatric Health Care*, 25(2), 96-104. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pedhc.2009.09.004>
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In M. Lerner & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology* (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Bronte-Tinkew, J., Moore, K. A., Capps, R. C., & Zaff, J. (2006). The influence of father involvement on youth risk behaviors among adolescents: A comparison of native-born and immigrant families. *Social Science Research*, 35, 181-209.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.ssresearch.2004.08.002>
- Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., Neff, C., Schoppe-Sullivan, S. J. & Frosch, C. A. (2009). Young children's self-concepts: Associations with child temperament, mother's and father's parenting, and triadic family interaction. *Merrill-Palmer Quarterly*, 55(2), 184-216.
<http://dx.doi.org/10.1353/mpq.0.0019>
- Brown, G. L., McBride, B. A., Bost, K. K., & Shin, N. (2011). Parental involvement, child temperament, and parent's work hours: differential relations for mothers and fathers. *Journal of applied developmental psychology*, 32, 313-322.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.appdev.2011.08.004>
- Bueno, R. K. (2014). *Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bueno, R. K., Gomes, L. B., & Crepaldi, M. A. (2015). A importância do pai no desenvolvimento da criança. In: E. R. Goetz & M. L. Vieira. *Novo Pai: percursos, desafios e possibilidades*. (pp. 95-107). Curitiba: Juruá.
- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2015). Considerações epistemológicas da perspectiva Bioecológica do desenvolvimento humano sobre o

- envolvimento paterno. *Psicologia em Revista*, 3, 599-620.
<http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N3P599>
- Caires, T. L. G., & Vargens, O. M. C. (2012). A exclusão do pai da sala de parto: uma discussão de gênero e poder. *Revista de Enfermagem Referência*, 7, 159-168.
<https://doi.org/10.12707/RIII1163>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Casalin, S., Luyten, P., Vliegen, N., & Meurs, P. (2012). The structure and stability of temperament from infancy to toddlerhood: a one-year prospective study. *Infant Behavior and Development*, 35, 94-108.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2011.08.004>
- Cassiano, R. G. M. (2013). *A avaliação do temperamento em crianças: metodologia combinada de heterorrelato e observação do comportamento em situação de interação*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo.
- Cauce, A. M., Conger, R. D., Cruz, R. A., King, K. M., & Widaman, K. F. (2011). Cultural influences on positive father involvement in two-parent Mexican-origin families. *Journal of Family Psychology*, 25(5), 731-740. <https://doi.org/10.1037/a0025128>
- Cerniglia, L., Cimino, S., & Ballaroto, G. (2014). Mother-child and father-child interaction with their 24-month-old children during feeding, considering paternal involvement and the child's temperament in a community sample. *Infant Mental Health Journal*, 35(5), 473-481.
<https://doi.org/10.1002/imhj.21466>
- Cia, F., & Barham, E. J. (2009). Envolvimento paterno e desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000100009>

- Cia, F., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. G. V. (2010). Impactos de uma intervenção com pais: O desempenho acadêmico e comportamento das crianças na escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 533-543. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300014>
- Cosentino-Rocha, L., & Linhares, M. B. M. (2013). Temperamento de crianças e diferença de gênero. *Paideia*, 23, 63-72. <https://doi.org/10.1590/1982-43272354201308>
- Crawford, N. A., Schrock, M., & Woodruff-Borden, J. (2011). Child internalizing symptoms: contributions of child temperament, maternal negative affect, and family functioning. *Child Psychiatry Hum Dev*, 42, 53–64. <http://dx.doi.org/10.1007/s10578-010-0202-5>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para Psicologia*. Porto Alegre: Penso.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 202-219. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010>
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp 71-98). Canadá: Les Presses de l'Université Laval.
- Else-Quest, N. M., Hyde, J. S., Goldsmith, H. H., & Van Hulle, C. A. (2006). Gender differences in temperament: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 132(2), 33-72. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.33>
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando SPSS*. Porto Alegre: Artmed.

- Feldman, R., & Klein, P.S. (2003). Toddlers' self-regulated compliance to mothers, caregivers, and fathers: implications for theories of socialization. *Developmental Psychology*, 39, 680-692.
- Flouri, E., & Malmber, L-E. (2010). Child temperament and paternal transition to non-residence. *Infant Behavior and Development*, 33, 689-694.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.06.001>
- Formoso, D., Gonzales, N. A., Barrera, M., Jr., & Dumka, L. E. (2007). Interparental relations, maternal employment, and fathering in Mexican-American families. *Journal of Marriage and the Family*, 69, 26-39. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2006.00341.x>
- Fraenkel, P., & Capstick, C. (2016). Famílias contemporâneas biparentais: enfrentando os desafios profissionais e familiares. In F. Walsh. *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (pp. 78-101). Porto Alegre: Artmed.
- Freeze, M. K., Burke, A., & Vorster, A. C. (2014). The role of parental style in conduct disorders: A comparison between adolescent boys with and without conduct disorders. *Journal of Child & Adolescent Mental Health*, 26(1), 63-73.
<http://dx.doi.org/10.2989/17280583.2013.865627>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gleason, T. R., Gower, A. L., Hohmann, L. M., & Gleason, T. C. (2005). Temperament and friendship in preschool-aged children. *International Journal of Behavioral Development*, 29(4), 336-344.
<http://dx.doi.org/10.1080/01650250544000116>
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2010). *Pai real, pai ideal: o papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: Juruá.

- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomes, L. B. (2015). *Envolvimento parental, desenvolvimento social e temperamento de pré-escolares: um estudo comparativo com famílias residentes em Santa Catarina e em Montreal*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomes, L. B., Bigras, M., & Crepaldi, M. A. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, Ribeirão Preto, 23(54), 21-29.
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272354201304>
- Gracia, P., & Kalmijn, M. (2016). Parent's family time and work schedules: The Split-Shift Schedules in Spain. *Journal of Marriage and Family*, 78(2), 401-415. <https://doi.org/10.1111/jomf.12270>
- Gracioli, S. M. A., & Linhares, M. B. M. (2014). Temperamento e sua relação com problemas emocionais e de comportamento em pré-escolares. *Psicologia em Estudo*, 1, 71-80.
<https://doi.org/10.1590/1413-7372189590007>
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 289-298. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200011>
- Gottman, J., & De Claire, J. (1997). *Inteligência emocional: A arte de educar nossos filhos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Guzzo, R. S. L., Riello, I. C., Primi, R., Serrano, M., Ito, P. C. P., & Pinho, C. C. M. (2004). Temperamento: onze anos de levantamento no psychological abstracts. *Revista Estudos de Psicologia*, 21(1), 25-32. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000100002>

- Hanington, L., Ramvhandani, P., & Stein, A. (2010). Paternal depression and child temperament: assessing child to parent effects in a longitudinal population study. *Infant Behavior and Development*, 33, 88-95.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2009.11.004>
- Hinshaw, S. P. (1992). Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: causal relationships and underlying mechanisms. *Psychological Bulletin*, 111, 127-155.
- Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBEG) (2007). *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005*. Recuperado de:
https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad2001_2005.pdf
- Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBEG) (2010). *Censo 2010*. Recuperado de:
<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2015). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Recuperado de:
<http://www.ipea.gov.br/retrato/>
- Ito, P. C. P., & Guzzo, R. S. L. (2002). Diferenças individuais: temperamento e personalidade; importância da teoria. *Revista Estudos de Psicologia*, 19(1), 91-100.
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100008>
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>
- Jansen, P. W., Raat, H., Mackenbach, J. P., Jaddoe, V. W. V., Hofman, A., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2009). Socioeconomic inequalities in infant temperament. *Social Psychiatry and*

Psychiatric Epidemiology, 44(2), 87-95.
<https://doi.org/10.1007/s00127-008-0416-z>

Karreman, A., Haas, S., Tuijl, C. V., Aken, M. A.G. V., & Dekovic, M. (2010). Relations among temperament, parenting and problem behavior in young children. *Infant Behavior and Development*, 33, 39-49.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2009.10.008>

Kim, S., & Kochanska, G. (2012). Child temperament moderates effects of parent-child mutuality on self-regulation: a relationship-based path for emotionally negative infants. *Child Development*, 83(4), 1275-1289.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01778.x>

Kitamura, T., Ohashi, Y., Minatani, M., Haruna, M., Mutakami, M., & Goto, Y. (2015). Disagreement between parents on assessment of child temperament traits. *Pediatrics International*, 57, 1090-1096.
<https://doi.org/10.1111/ped.12728>

Klein, V. C., Putnam, S. P., & Linhares, M. B. M. (2009). Assessment of temperament in children: translation of instruments to Portuguese (Brazil) Language. *Interamerican Journal of Psychology*, 43(3), 552-557.

Klein, V. C. (2009). *Reatividade à dor, temperamento e comportamento na trajetória de desenvolvimento de neonatos pré-termo até a fase pré-escolar*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Klein, V. C., & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 4, 821-829.
<https://doaj.org/article/2d2e95207adc48b39e21830c725bcef7>

- Klein, V. C., & Linhares, M. B. M. (2007). Temperamento, comportamento e experiência dolorosa na trajetória de desenvolvimento da criança. *Paidéia*, 17(36), 33-44. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100004>
- Kochanska, G., & Kim, S. (2014). A complex interplay among the parent-child relationship, effortful control, and internalized, rule-compatible conduct in Young children: evidence from two studies. *Developmental Psychopathology*, 50(1), 1-27. <https://doi.org/10.1037/a0032330>
- Komsi, N., Raikkonen, K., Heinonen, K., Pesonen, A-K., Keskiaara, P., Jarvenpaa, A-L., & Strandberg, T. E. (2008). Continuity of father temperament from infancy to middle childhood. *ScienceDirect*, 31, 239-254. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2007.10.002>
- Lamb, M. (1997). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*. 19-34.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, (25), 883-894.
- Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458. https://doi.org/10.1300/J002v09n03_06
- Lee, E. H., Zhou, Q., Eisenber, N., & Wang, Y. (2012) Bidirectional relations between temperament and parenting styles in Chinese children. *International Journal of Behavior Development*, 37(1), 57-67. <https://doi.org/10.1177/0165025412460795>
- Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.* Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providencias. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm

- Lei n. 13.010, de 26 de junho de 2014*. Altera a Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel e degradante, e altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O Pai no Contexto Familiar. *Psicologia Teoria e Pesquisa*. Brasília, 1. 9-16.
- Lima, J. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. B. Ruivo (Ed.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233) Porto: Livpsic.
- Linhares, M. B. M., Dualibe, A. L., & Cassiano, R. G. M. (2013). Temperamento de crianças na abordagem de Rothbart: Estudo de revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 633-645. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722013000400006>
- Lopes, S. R. A., & Paula, S. F. (2011). A importância da figura paterna no processo de escolha profissional: um estudo comparativo entre jovens universitários. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1. 165-181.
- Martins, G. D. F., Becker, S. M. S., Leão, L. C. S., Lopes, R. C. S., & Piccinini, C. A. (2014). Fatores associados à não adaptação do bebê na creche: da gestante ao ingresso na instituição. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2, 241-250. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000300001>
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gate keeping, and father involvement. *Family Relations*, 54, 360-372. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2005.00323.x>

- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples marital satisfaction to mother and father involvement: a longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23-48.
<https://doi.org/10.3149/fth.0701.23>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura da criança em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(XXVI), 395-409.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B.-E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias bi-parentais. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 1-11.
- Muris, P., & Ollendick, T. H. (2005). The role of temperament in the etiology of child psychopathology. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 8(4), 271-289.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10567-005-8809-y>
- Narvaz, M.G., & Koller, S.H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: S. Koller (Orgs.). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 55-69). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nelson, J. A. (2015). Child reactivity moderates the over-time association between mother-child conflict quality and externalizing problems. *International Journal of Behavior Development*, 39(4), 376-382.
<https://doi.org/10.1177/0165025415573643>

- Nogueira, J. R. D., & Ferreira, M. (2012). O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. *Revista de Enfermagem Referência*, 8, 57-66.
<http://dx.doi.org/10.12707/RIII1214>
- Olson, S. I., Sameroff, A., Lunkenheimer, E. S., & Kerr, D. (2009). Self-regulatory processes in the development of disruptive behavior problems: the pre-school to school transition. In: S.L. Olson & A. J. Sameroff. *Biopsychosocial regulatory processes in the development of childhood behavioral problems* (pp. 144-185). New York: Cambridge University Press.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hultz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento antissocial na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55-61. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000100008>
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant and Child Development*, 9, 213-230.
[https://doi.org/10.1002/1522-7219\(200012\)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0)
- Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47, 237-238.
<https://doi.org/10.1159/000078726>
- Paquette, D. (2004b). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
<https://doi.org/10.1159/000078723>
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child*

Development and Care, 180(1-2), 33–50.
<http://doi.org/10.1080/03004430903414687>

- Paquette, D., Eugene, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M.-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99–119). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013). The father-child activation relationship, sex differences, and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 1-9.
<https://doi.org/10.1155/2013/102860>
- Perdomini, F. R. I., & Bonilha, A. L. L. (2011) A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. *Texto & Contexto Enfermagem*, 3. 445-452.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072011000300004>
- Pérez-Edgar, K., Schmidt, L. A., Henderson, H. A., Schulkin, J., & Fox, N. A. (2008). Salivary cortisol levels and infant temperament shape developmental trajectories in boys at risk for behavioral maladjustment. *Psychoneuroendocrinology*, 33(7), 916-925.
<http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.psyneuen.2008.03.018>
- Pimenta, M., Veríssimo, N., Monteiro, L., & Costa, I. P. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim de infância. *Análise Psicológica*, 4(XXVIII), 565-580.
- Planalp, E. M., & Braungart-Rieker, J. M. (2013). Temperamental precursors of infant attachment with mothers and fathers. *Infant Behavior and Development*, 36, 796-808.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2013.09.004>
- Polônia, A.C., Dessen, M.A., & Silva, N.L.P. (2005). O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner: Contribuições para o desenvolvimento humano. In: M.A. Dessen & A.L. Costa Júnior. *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências*

atuais e perspectivas futuras (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed.

- Potapova, N. V., Gartstein, M. A., & Bridgett, D. J. (2014). Paternal influences on infant temperament: effects of father internalizing problems, parenting-related stress, and temperament. *Infant Behavior and Development*, *37*, 105-110. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2013.12.014>
- Putman, S P., Gartstein, M. A., & Rothbart, M. K. (2006). Measurement of fine-grained aspects of toddler temperament: the early childhood behavior questionnaire. *Infant behavior & development*, *29*(3), 386-401. <http://dx.doi.org/10.1016/j.infbeh.2006.01.004>
- Rabinowitz, J. A., Drabick, D. A. G., Reynolds, M. D., Clark, D. B., & Olino, T. M. (2016). Child temperamental flexibility moderates the relation between positive parenting and adolescent adjustment. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *43*, 43-53. <http://doi.org/10.1016/j.appdev.2015.12.006>
- Ramchandani, P. G., Domoney, J., Sethna, V., Psychogiou, L., Vlachos, H., & Murray, L. (2013). Do early father-infant interactions predict the onset of externalizing behaviors in young children? Findings from a longitudinal cohort study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *54*(1), 56-64. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02583.x>
- Roeters, A., & Gracia, P. (2016). Child care time, parents' well-being, and gender: Evidence from the American Time Use Survey. *Journal of Child and Family Studies*, *25*, 2469-2479. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-016-0416-7>
- Rothbart, M. K. (2004). Commentary: differentiated measures of temperament an multiple pathways to child disorders. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, *33*(1), 82-87. http://dx.doi.org/10.1207/S15374424JCCP3301_8

- Rothbart, M. K., Evans, D. E., & Ahadi, S. A. (2000). Temperament and personality: origins and outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 122-135. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.78.1.122>
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: The Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, 72(5), 1394-1408. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8624.00355>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Santis, L., & Barham, E. J. (2017). Envolvimento paterno: construção de um modelo teórico baseado em uma revisão de literatura. *Temas em Psicologia*, 25(3), 941-953. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-03Pt>
- Santos, S. M. C. B. (2016). Possibilidade e desafios do homem contemporâneo frente à conciliação entre trabalho e paternidade. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & P. C. S. V. Zucoloto (Eds). *Paternidade na sociedade contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças da família* (pp. 157-172). Curitiba: Juruá.
- Santos, E. F., & Maio, E. R. (2012). Brincadeiras de meninos e meninas: os estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis. *Anais da semana de Pedagogia da UEM*, 1(1), 1-12.
- Scopel, R. R., Souza, V. C., & Lemos, S. M. A. (2012). A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. *Revista CEFAC*, 14(4), 732-741. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462011005000139>
- Seabra-Santos, M. J., & Almeida, M. S. (2014). Falamos da mesma criança? Concordância mãe – pai – professores na Avaliação do temperamento de crianças Portuguesas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1, 10-20. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722014000100002>

- Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Schmitz, M. E. S., Deus, M. D., Gouvêa, A. P., Silva, S. B., & Vieira, M. L. (no prelo). *Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil: Revisão Sistemática de Literatura*. Artigo submetido.
- Silva, M. L. I. (2017). *A relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo em pais de criança de 4 a 6 anos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Silva, N. C. B., & Aiello, A. R. L. (2009). Análise descritiva do pai da criança com deficiência mental. *Estudos de Psicologia*, 26(4), 493-503. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000400010>
- Silva, M. R. S., Bueno, M. E. N., & Ribeiro, J. P. (2014). A percepção dos pais frente ao seu envolvimento nas atividades com o(s) filho(s). *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 1. 14-21. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2014.01.36602>
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400015>
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 à 2007. *Paidéia*, 19(2), 74-82. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100012>
- Tognon, A. V. S., Dias, R. B., & Dias, T. P. (2017). Brincadeiras pré-escolares e Psicologia do Desenvolvimento: um diálogo possível a favor de recursos para promoção de habilidades sociais. *Revista UNIFEV: Ciência & Tecnologia*, 2, 89-102.

- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In: Campbell, B. *Sexual selection and the descent of man* (pp. 136-179). Chicago: Aldine.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Odero, D., KulaKova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M., & Lee, S. (2000). Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-22. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000100002>
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siè* (pp. 39-70.). Canadá: Les presses de l'Université Laval.
- Verschueren, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development*, 70, 183-201.
- Vieira, M.L, Rímoli, A.O., Prado, A.B., & Chelini, M.O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In: Emma Otta, M.E.Y. (org). *Psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 2. 36-52.
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. Em. F. Walsh, (2016). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed.

Xu, Y., Farver, J. A. M., & Zhang, Z. (2009). Temperament, Harsh and Indulgent Parenting, and Chinese Children's Proactive and Reactive Aggression. *Child Development*, 80(1), 244-258.
<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01257.x>

APÊNDICES

Apêndice A – Autorização Institucional

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Núcleo de Desenvolvimento Infantil

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “Envolvimento Paterno no Contexto Familiar Contemporâneo II”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por meio _____ da _____ instituição:

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

Apêndice B – Carta Convite as Escolas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**Carta convite**

Prezados pai/padrasto e mãe/madrasta:

Gostaríamos de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Sua participação poderá ocorrer por meio de respostas do pai e da mãe a questionários que abordam o tema da pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa ajudarão a pensar em formas de melhorar as relações familiares. Os participantes não serão identificados e esta pesquisa já teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações relatadas. A pesquisa se dará por meio de respostas a questionários com a participação voluntária de vocês e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso vocês aceitem participar, por favor preencham as informações abaixo e devolvam esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com vocês para agendar uma data e horário para realização da pesquisa.

Qualquer dúvida, vocês podem entrar em contato com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPEDI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 3721-8606 ou pelo e-mail maurolvieira@gmail.com, ou ainda com a professora Ana Paula Ribeiro Kobarg (aluna de pós-doc e integrante do NEPEDI-UFSC). Nosso site é www.nepedi.ufsc.br. E nossa página no facebook é <https://www.facebook.com/PesquisaNepedielabsfac>

A ser preenchida pelo participante:

Nome _____ do participante
pai/padrasto _____
Nome _____ da participante
mãe/madrasta _____
Nome e idade do(s) filho(s) _____

Data _____ de _____ nascimento do(s)
filho(s) _____
Endereço _____
Telefone _____
E-mail _____

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos por meio deste convidar você a participar da pesquisa “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo”, que tem como objetivo investigar as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 6 anos. Esse estudo é importante para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno e irá contribuir para melhorar as relações familiares. **Sua participação é voluntária, não remunerada** e acontecerá por meio de respostas sua e de seu/sua companheira a questionários sobre o tema. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas, pois os questionários receberão apenas um código e as repostas vão ser somadas as repostas de outras 149 famílias. A sua participação na pesquisa pode permitir reflexões sobre suas vivências e sentimentos sobre ser pai ou mãe, o que pode gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC ou a outro profissional mais próximo ao seu local de residência. Você pode recusar a participar, parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer dano ou punição. A devolução dos resultados da pesquisa será feita em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Eu, abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa. RG: _____

Assinatura do participante da pesquisa: _____

Data: _____



Mauro Luís Vieira 52593665904

Pesquisador Responsável

Fone: (48) 3721-8606

E-mail: maurolvieira@gmail.com

site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>

ANEXOS

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II

Pesquisador: Mauro Luís Vieira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 53239216.3.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.514.798

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, contando com a participação dos professores Dra. Elisângela Böing, Dra. Maria Aparecida Crepaldi, Dra. Ana Maria Xavier Faraco e mais 12 discentes. O objetivo geral do estudo é investigar o comportamento da criança com desenvolvimento típico e atípico e sua relação com o envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar e coparentalidade. Participarão 150 famílias com crianças de quatro à seis anos com desenvolvimento típico, 50 famílias de pais divorciados/recasados, mas que não coabitam com a criança e 80 famílias com crianças com desenvolvimento atípico (30 com Síndrome de Down e 30 com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento do tipo Autista), o que totalizam 260 famílias participantes (ao todo, 482 indivíduos). Os instrumentos a serem aplicados são: Questionário Sociodemográfico; Questionário sobre Abertura ao Mundo; Questionário de Engajamento Paterno; Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar; Questionário de Capacidades e Dificuldades da Criança; Escala de Apego Adulto; Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade; Perfil Sócio-Afetivo da Criança; Questionário de Mediação Materna do Envolvimento Paterno nas Atividades Domésticas; Questionário de Comportamento das Crianças; Escala da Relação Coparental; Inventário de Práticas Parentais; Roteiro de Entrevista Semiestruturado de Genograma; Observação da Situação de Risco, Observação de Coparentalidade, Dilemas de Prossociabilidade; Questionário de Dimensões e Estilos Parentais. Esses participantes

Continuação do Parecer: 1.514.798

serão convidados por meio de instituições, escolhidas por acessibilidade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar o comportamento da criança com desenvolvimento típico e atípico e sua relação com o envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar e coparentalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo como base a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, parte-se do pressuposto que todas as pesquisas com seres humanos possuem riscos. No que se refere à coleta de dados com os pais e as mães por meio de questionários, é provável que a presente pesquisa permita aos participantes uma reflexão acerca de suas vivências e sentimentos sobre seu envolvimento com os filhos. Porém, estas questões podem gerar algum desconforto, e caso seja necessário, será dado o devido encaminhamento aos participantes. Esse encaminhamento refere-se desde acolhimento após a coleta, até encaminhamento para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina APSI(UFSC), se assim os participantes concordarem.No que se refere à observação da relação de ativação pai-criança, esta acontecerá em uma sala própria para a situação, com brinquedos esterilizados e próprios para crianças da idade dos participantes da pesquisa. A criança participará da observação apenas após o consentimento dos pais e dela mesma, após à explicação da situação dada a ela de modo que ela possa compreender. Em algumas etapas da observação, as crianças poderão se sentir desconfortáveis e inseguras devido à presença de uma pessoa estranha (adulto do sexo masculino membro da equipe de pesquisa) ou ao ser convidada para subir e descer uma escada. Entretanto, durante todo o processo, o pai estará na sala com a criança, juntamente com mais um adulto da equipe de pesquisa. Será permitido que os pais interajam com a criança quando a mesma carecer de conforto, proteção, instruções e/ou disciplina. Ressalta-se a voluntariedade dos pais em participar da pesquisa e em convidar a criança a subir e descer a escada, assim, se os pais mudarem de ideia e não desejarem que seu filho explore a escada, estão livres para desistir a qualquer momento. Além do mais, destaca-se que a criança é convidada pelos seus próprios pais a subir e descer a escada, logo, se a mesma não desejar ou apresentar reações de medo, o pai será orientado para não insistir.

Benefícios:

Parte-se do pressuposto de que a participação na pesquisa permitirá às famílias reflexão sobre suas práticas parentais e resignificação de suas vivências.Para as crianças, parte-se do

Continuação do Parecer: 1.514.798

pressuposto que a observação será um momento em que poderão explorar um ambiente diferente com os seus pais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
não tenho.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
todos apresentados.

Recomendações:
não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_655215.pdf	12/04/2016 01:21:27		Aceito
Outros	aut_inst_7.jpg	12/04/2016 01:20:25	Mauro Luis Vieira	Aceito
Outros	Autorizacoes_institucionais.pdf	12/04/2016 01:19:44	Mauro Luis Vieira	Aceito
Outros	Carta.docx	12/04/2016 01:18:23	Mauro Luis Vieira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	12/04/2016 01:17:58	Mauro Luis Vieira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_REVISADO.docx	12/04/2016 01:17:17	Mauro Luis Vieira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rostoOK.pdf	15/02/2016 14:36:04	Mauro Luis Vieira	Aceito
Outros	QDEP_questionario.pdf	10/02/2016 20:37:49	Mauro Luis Vieira	Aceito
Outros	Kit_Questionarios_PAI.pdf	10/02/2016 20:37:22	Mauro Luis Vieira	Aceito
Outros	Kit_Questionarios_mae.pdf	10/02/2016 20:36:29	Mauro Luis Vieira	Aceito

Continuação do Parecer: 1.514.798

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

FLORIANOPOLIS, 26 de Abril de 2016

Assinado por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)